

LUIZA ALTERMANN

O QUE SE

esconde

NAS SOMBRAS



COLÉGIO MARISTA
SANT'ANA

“Criatividade é a inteligência se divertindo”

– Albert Einstein.

Gostaria de dedicar este livro para minha professora de redação, Izabel Antunes, que me deu a oportunidade de realizar um sonho de infância e, o mais importante, quem me ensinou a como escrever um livro.



17/07/2009

Querido diário, hoje a minha mãe disse que eu deveria escrever mais e que, apesar da minha escrita ser boa, praticar seria um bom hábito para mim. Ela também me contou que pretendia criar um diário quando tinha a minha idade, mas que não escreveu mais de uma folha, então que eu deveria escrever um diário eu mesma. Papai foi demitido da escola onde trabalhava, e faz alguns dias que conseguiu um emprego na biblioteca pública da cidade. Mamãe pediu para que eu passasse as tardes do resto das minhas férias de inverno lá. No começo eu achei que seria chato, mas talvez não seja tão ruim, eu posso ler toda a tarde e continuar a escrever meu diário. Espero que eu me divirta.



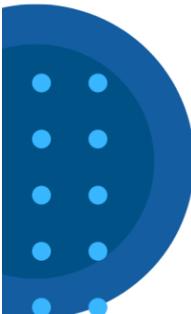


O terror da lua de sangue

Duas vezes ao ano, quando a lua chega em seu ápice, ela é tingida por um tom de vermelho escarlate capaz de hipnotizar qualquer um que a olhar diretamente, mas poucos estão cientes do real perigo que esse fenômeno esconde, pois o céu não sangra, os seres sangram.

Carla Mc Queen estava sentada na cadeira de seu escritório, observando os papéis espalhados por sua mesa. O mais novo caso intrigava a perita: os cortes feitos no corpo encontrado em uma casa de um bairro nobre eram irregulares, pareciam ter sido feitos por uma espécie de garra, mas eram largos demais para pertencer a algum animal doméstico.

Outra evidência era uma marca de mordida no abdômen, mas essa era a única encontrada, como se o animal a tivesse feito após matar a vítima. A mulher tentou comparar a arcada dentária com a de outros bichos como ursos, tigres e lobos, mesmo sabendo que essas hipóteses eram "impossíveis". A mandíbula era longa, mais que a de um focinho de um canídeo, e os dentes deixaram um formato estranho na carcaça, parecia ter furos. O único sinal de arrombamento era uma janela quebrada.



Quando a mulher viu o corpo pela primeira vez, ele estava pálido e decrépito, mais que o normal para um cadáver, já que foi achado em menos de uma hora depois do assassinato. Havia apenas alguns respingos no chão, e as feridas abertas não escorriam, como se todo o sangue tivesse de alguma maneira sido retirado de dentro dele.

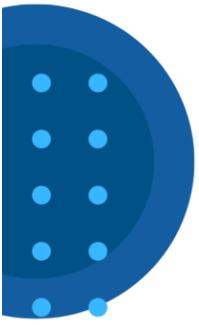
O garoto morto - Bernardo Vasconcelos - não possuía antecedentes criminais, nem rivalidades de acordo com seus parentes. Isso é o que todos diziam, mas Carla Mc Queen sabia que havia algo de errado com aquele caso.





Do lado de fora, um ser das trevas observava o trabalho da perita. O monstro se perguntava como ela ainda não havia notado sua presença. Ele encarava a garota de cabelos pretos por mais de uma hora, enquanto ela olhava atentamente as fotos de seu assassinato. Todos negavam a sua existência, arquivavam os documentos de seus crimes e fingiam que nada havia acontecido, afastavam-se e repudiavam aquilo que não podiam explicar. Nunca presenciou um ser humano que acreditasse na assombração, alguém que aceitasse que era fraco em comparação ao ser sobrenatural. Isso só alimentava sua raiva pela espécie.

A besta caminhou em volta do terreno, tentando achar alguma entrada que não fizesse muito barulho. A lua sangrenta brilhava no céu, sua luz aumentava sua sede por sangue, era como se toda a terra ficasse tingida de vermelho, e o cheiro de suas vítimas ficava mais forte. A caça se tornava mais divertida. Nos fundos da construção, a besta encontrou uma velha porta feita de madeira. Com um golpe ágil de suas garras, arrancou a maçaneta abrindo passagem para o interior. O espaço parecia se distorcer enquanto passava, suas patas faziam um singelo ruído quando tocava no chão de mármore. A besta tomou cuidado para não fazer muito barulho, pretendia pegar a perita de surpresa.



Ele entrou furtivamente pelos cômodos, vendo a bagunça em que o lugar se encontrava, vários papéis e livros espalhados pelo chão, além de copos vazios em cima dos sofás. Quanto mais ele se aproximava, mais forte o cheiro de carne se fazia presente, estava chegando perto.



Avistou o último corredor da casa, a porta da sala mais afastada se encontrava aberta. Ele caminhou lentamente até o cômodo, ficando parado na frente da jovem garota, que lia tranquilamente suas anotações segurando uma xícara de café. As luzes do ambiente começaram a piscar respondendo à presença do



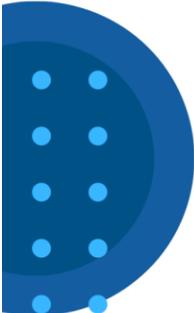


sobrenatural. Os papéis em cima da mesa voaram, e os copos vazios foram arremessadas ao chão.

A perita arregalou os olhos quando o viu, e quase como um reflexo de alguém bem treinado, pegou rapidamente uma arma de fogo que estava em uma gaveta da escrivaninha e atirou duas vezes em seu peito.

A mulher aproveitou o tempo em que ele ficou atordoado para sair correndo em direção à sala. Quando recuperou seus sentidos, o monstro a perseguiu pelo corredor extenso, segurou a garota pelas pernas fincando suas garras afiadas em seus músculos, fazendo-a cair.

A fera subiu em cima de Carla tentando acertar seu abdômen e, em um ato desesperado, a mulher atirou para o teto, causando um som estrondoso rente ao ouvido da besta. Ela se despreendeu de seu abraço e cambaleou até a mesa mais próxima. De lá mirou no monstro novamente e atirou, acertando seus braços e peito. Seus olhos se encheram de pavor quando viu que isso não funcionou, estava em frente a um ser jamais visto antes, algo muito além de sua compreensão. Suas pernas estavam machucadas, não conseguia correr.



A criatura viu a tristeza em seu rosto, e toda a esperança que restava esvaír de sua alma. Ele caminhou sem pressa em direção à garota. Lágrimas caíam de seus olhos, o cabelo curto e encaracolado estava completamente embaraçado, o sangue manchava a camiseta branca que usava.

Ela não negava, havia aceitado a sua existência, presenciado o sobrenatural cara a cara e, ao invés de fugir, abraçou a morte, reconheceu que era mais fraca do que aquela força paranormal. O monstro deu meia volta e se dirigiu até a porta em que entrou, deixando a garota com uma expressão confusa: acharia outra vítima, mas resolveu poupar a perita. Ele saiu da casa e





desapareceu na escuridão. E mesmo que Carla tentasse contar a alguém o acontecido, ninguém nunca acreditaria.

Elas estão observando.

18/07/2009



Querido diário, esta biblioteca é enorme, tem todos os tipos de livro, eu vou gostar de passar minhas tardes aqui. O papai está conversando pouco comigo, ele passa a maior parte do tempo atrás do balcão passando os livros que as pessoas pegam emprestados. Mas eu entendo: esse é o trabalho dele. O papai admira muito os livros nas prateleiras, eu não sei o porquê ele faz isso. Mas eu estou feliz que o meu diário está dando certo.





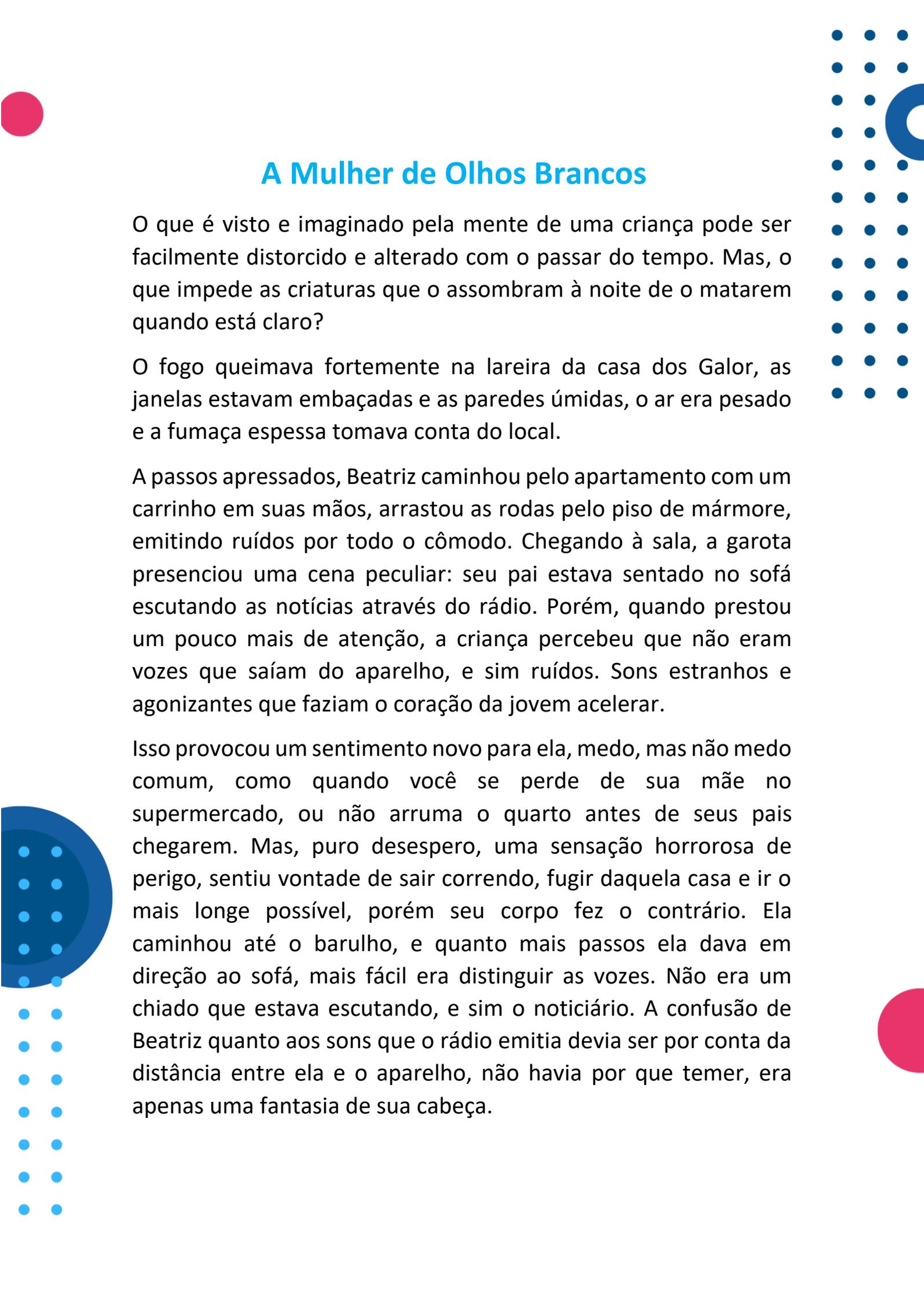
A Mulher de Olhos Brancos

O que é visto e imaginado pela mente de uma criança pode ser facilmente distorcido e alterado com o passar do tempo. Mas, o que impede as criaturas que o assombram à noite de o matarem quando está claro?

O fogo queimava fortemente na lareira da casa dos Galor, as janelas estavam embaçadas e as paredes úmidas, o ar era pesado e a fumaça espessa tomava conta do local.

A passos apressados, Beatriz caminhou pelo apartamento com um carrinho em suas mãos, arrastou as rodas pelo piso de mármore, emitindo ruídos por todo o cômodo. Chegando à sala, a garota presenciou uma cena peculiar: seu pai estava sentado no sofá escutando as notícias através do rádio. Porém, quando prestou um pouco mais de atenção, a criança percebeu que não eram vozes que saíam do aparelho, e sim ruídos. Sons estranhos e agonizantes que faziam o coração da jovem acelerar.

Isso provocou um sentimento novo para ela, medo, mas não medo comum, como quando você se perde de sua mãe no supermercado, ou não arruma o quarto antes de seus pais chegarem. Mas, puro desespero, uma sensação horrorosa de perigo, sentiu vontade de sair correndo, fugir daquela casa e ir o mais longe possível, porém seu corpo fez o contrário. Ela caminhou até o barulho, e quanto mais passos ela dava em direção ao sofá, mais fácil era distinguir as vozes. Não era um chiado que estava escutando, e sim o noticiário. A confusão de Beatriz quanto aos sons que o rádio emitia devia ser por conta da distância entre ela e o aparelho, não havia por que temer, era apenas uma fantasia de sua cabeça.





Ela ainda estava assustada quando se deitou. Beatriz foi dormir com seus pais por conta dos calafrios e espasmos de que seu corpo ainda sofria.

Abraçada a um travesseiro, a mente da criança adormeceu em calma, porém, no meio da madrugada, a garota sentiu um arrepio, estava dormindo, mas não imersa em seus sonhos, abriu os olhos lentamente para ver uma figura se destacar no meio da escuridão.

Uma mulher se apresentava parada diante de si, imponente, porém cautelosa, os cabelos castanhos caíam como cascatas pelos seus ombros, usava vestes claras e longas. Seus olhos eram brancos e enigmáticos, e em sua expressão havia uma mistura perfeita de tranquilidade e pânico.

O único detalhe que não assustou a pequena criança em toda aquela cena foram seus olhos brancos. Apenas não entendia por que o resto a assustava, o que lhe causou mais curiosidade do que medo.

"Ela estava cega?" - pensou a inocente Beatriz - "Se sim, como está me vendo?"

Seus pais dormiam ao seu lado profundamente, pareciam não perceber a presença da mulher a sua frente. Galor tentou mover a sua mão, porém percebeu que não conseguia, todos os seus membros estavam paralisados pelo medo, impedindo-lhe de formular uma simples pergunta:

"Por que meus olhos estão brancos?"

Sua visão começou a ficar embaçada pelas lágrimas de um choro silencioso, a curiosidade virou desespero, seu olhar se arregalou em terror vendo a criatura dar um passo em sua direção. Não se mexia, apenas olhava fixamente para a criança, seu medo era de que ela se mexesse mais.





Acabou pegando no sono com a agonia do momento. Quando acordou na manhã seguinte, estava sozinha na cama com o travesseiro molhado pelas lágrimas, sem saber quando viria a Mulher de Olhos Brancos novamente.

O medo cercava Beatriz aonde quer que ela fosse, mesmo depois de meses a garota ainda lembrava de seu sonho lúcido. Seus pais não acreditaram em suas palavras. Quando tentou contar a eles o ocorrido, disseram-lhe que era apenas um pesadelo, que não era real. Então a garota quase se convenceu disso, até uma certa noite em que teve seu segundo encontro com a aberração.

Ela pensava que estava segura na casa de uma amiga. Durante a noite toda, as duas assistiram a filmes de terror, tema que era sensível para Beatriz, mas ela não protestou, viu o programa em silêncio.

O ambiente ao redor estava escuro, tendo apenas a tela como fonte de luz. Um arrepio estranho percorreu sua espinha, seus dedos começaram a formigar e, ao longe, a garota sentiu uma presença observando-a.

Beatriz virou o rosto em direção à escada. Destacando-se em meio às sombras, duas orbes brancas flutuavam no meio do ar. A criança sentiu o tempo parar ao seu redor, o batimento cardíaco acelerar e sua respiração ficar desregulada. Lembrou-se do olhar severo da mulher de vestes brancas sobre si.

Galor teve um pressentimento de que algo horrível estava prestes a acontecer. Encarou os olhos com puro pavor, seu instinto era sair correndo, mas seu corpo não respondia às suas vontades. A única coisa que conseguia fazer era ficar parada e encarar o brilho distante, enquanto gotas quentes de suor escorriam por sua testa.

Os orbes brancos se mexeram, saindo da escuridão e se revelando apenas um gato preto. O animal desceu do corrimão da escada e caminhou até o sofá, esfregando-se nas pernas de Beatriz que

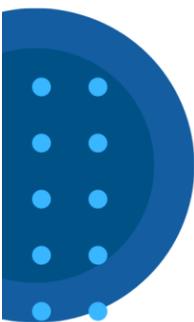




sentiu sua respiração acalmar aos poucos, vendo mais uma vez que foi enganada pelos seus delírios. Ela só se perguntava como aqueles olhinhos amarelos tiveram um brilho tão branco.

A noite avançava rapidamente e quando chegou a hora de irem para a cama, sua amiga a guiou para os quartos no segundo andar. Beatriz segurou sua mão fortemente, sentindo o calor humano a tirar de seus pensamentos gélidos e a trazer de volta à realidade fervente. Ela conseguiu ouvir seu coração bater, o corpo respirar, sentiu-se viva mais uma vez. Olhou calmamente para o seu redor, não era um pesadelo, mas uma sala comum. Subiu as escadas que antes temia, nada daquilo a assustava, a vida real não era assustadora, apenas sua mente que lhe pregava peças, fazendo-a temer tudo. Pelo menos era isso que ela pensava antes de adormecer.

Aquela noite foi um tanto mais sombria. Estava na mesma situação de dois anos atrás, havia uma mulher a observando, ela continuava com o mesmo vestido branco, agora, porém mais rasgado, seu cabelo estava descabelado, cobrindo um pouco do rosto. A criança conseguia sentir seu olhar penetrante em si, com uma mistura de preocupação e maldade, o que fazia seu corpo paralisado tremer.



Ela estava parada em frente à porta, como uma fera prestes a atacar. Vultos estranhos passaram atrás dela, pareciam criaturas, faziam sons estranhos do que se assemelhavam a uma risada engasgada. Ela ficou lá por mais ou menos cinco minutos, mas que pareceram ser uma eternidade. O gatinho preto que dormia em seus pés olhava fixamente para a assombração. Ela era real, ele também a via.

A criança não entendia o porquê dela não a matar. Será que era por conta de sua amiga adormecida ao lado? Ela sentiu novamente aquele terror estranho. As lágrimas de choro, agora





não muito silencioso, invadiram seus olhos, embaçando-os mais uma vez. E uma pergunta ecoou em sua cabeça antes de pegar no sono...

"Será que ela estava cega de medo?"

Ela naturalmente acordou com a pele pálida, olheiras profundas e olhos inchados, como se tivesse chorado a noite toda, o que de fato aconteceu. Sentiu seu corpo fraco e um mal-estar horrível, não foi para a escola por dois dias seguidos depois do episódio.

A criança passou o resto de suas noites pensando em não ficar sozinha, assustava-se com qualquer ruído: portas batendo, ruídos, vento, qualquer som era o bastante para deixar seu corpo arrepiado. Mas, sua mente não teve misericórdia da pobre garota, era amaldiçoada com pesadelos constantes. Neles seres a perseguiram, encurralavam-na nos corredores de sua casa e a atacavam.

Toda manhã ela acordava suando, o coração acelerado e o corpo quente, olhava para os arredores tentando encontrar a Mulher de Olhos Brancos, mas ela nunca estava lá.

O mais torturante disso tudo era não saber quando essa era de decadência iria acabar. O mundo real era assustador, as trevas se escondiam nas sombras para não serem vistas, sendo protegidas pela racionalidade que a faz pensar, "isso não é real, é só uma lenda". Mas, Beatriz viu o terror de frente, experimentou o que é o verdadeiro medo, a sensação de temer por sua vida a cada instante, sempre andava acompanhada, pois pensava que era isso que ainda a mantinha viva. Mas, naquela fatídica noite, a criança, agora adolescente, estava muito longe de casa, porém não temia, pois não se encontrava sozinha.

Em uma viagem escolar, Beatriz se permitiu deixar seus receios de lado e apenas aproveitar o momento. Durante todo o dia ela não teve a sensação de ser observada, mesmo estando com





companhia, ela se sentia sozinha, o que era um grande alívio. Durante a noite, a garota adormeceu com a visão da amiga sentada em sua cama, mas, quando acordou, não era ela que estava a sua frente, e sim a Mulher de Olhos Brancos. E novamente sentiu seu corpo paralisar.

Era incrível que quanto mais o tempo passava, mais a adolescente se parecia com a mulher à sua frente.

A assombração se levantou e começou a andar pelo quarto. Isso era diferente do que ela fazia antes. Essa diferença a assustava, fazia seu coração acelerar e os dedos tremerem. Dessa vez ela escutava um som diferente, inúmeros sussurros abafados correndo pelo quarto, e algo que parecia ser o chiado de um rádio.

A Mulher de Olhos Brancos olhava para a porta - que não estava no campo de visão da menina - com uma certa preocupação, mas quando ela olhava para a adolescente, sua expressão era de raiva. A única coisa que conseguia ver em seus olhos era o vazio. As iris esbranquiçadas não transpareciam nenhuma emoção.

Desta vez ela não chorava, estava com medo, mas sabia que isso não iria mudar nada, então apenas olhava fixamente para a mulher enquanto ela observava a porta preocupada.

Os sons estranhos pararam repentinamente e o quarto ficou em silêncio, depois disso a Mulher de Olhos Brancos apenas a lançou um último olhar de desgosto para a adolescente e caminhou para fora de seu campo de visão.

Ela sentiu que seu corpo podia se mexer de novo, então levantou e a procurou em vão por todo o quarto, mas era como se ela nunca tivesse estado lá.

Porém, a adolescente a viu uma última vez, anos depois no reflexo do espelho, a diferença é que seus olhos não eram brancos. Por que o que é visto e imaginado pela mente de uma criança pode

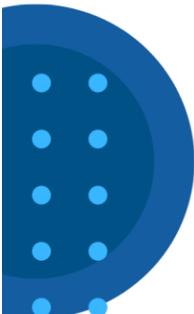




ser facilmente distorcido e alterado com o passar do tempo. Mas nada impede as coisas que te observam de te matarem, nem na luz ou na escuridão. O fato é que elas nunca quiseram.

Elas estão observando.

21/07/2009

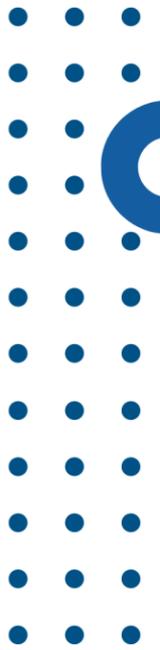


Querido diário, vi uma coisa muito estranha, papai estava falando com um copo de água. Talvez ele tenha um amigo imaginário. Depois o pai veio conversar comigo e me disse que seu sonho era ser um escritor. Achei que ele tinha ficado chateado quando foi demitido da escola onde dava aula. Mas ele parecia feliz aqui no início. Mas agora papai está estranho, falando com o copo e ele parece preocupado. Eu espero que ele consiga alcançar o seu sonho.





O aviso dos quadros

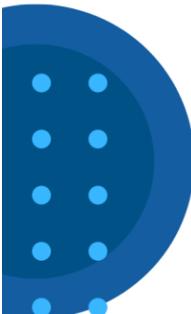


Um verdadeiro pintor consegue transformar a pior angústia em uma obra de arte. As figuras, as cores, nada em um quadro é sobre olhar, mas sobre sentir.

Luciano Alves costumava criar obras magnificas, inspiradas na infelicidade, raiva, dor, medo, satisfação e até mesmo euforia. Ele passava horas em seu atelier pintando tudo que seu coração mandasse. Saía com os dedos e o rosto sujos e cheirando a tinta. Mas Luciano sentia uma tristeza tão incapacitante, que seu ânimo de pintar desapareceu.

O homem estava sentado na frente de uma tela em branco, segurando um pincel. Ele passou horas ali pensando no que pintar, mas sua criatividade não se fazia presente.

Sua irmã Lívia havia sugerido ir até o atelier e criar uma obra para se distrair, mas a cabeça do pintor estava muito perturbada pelo recente falecimento de sua filha única para pensar em arte. Fazia quatro meses que Elizabeth Alves havia morrido em um acidente de trânsito.



Luciano a estava levando para a casa de uma amiga para passar o final de semana. Mas ele acabou se distraindo, já que estava cansado depois de um dia intenso de trabalho. Quando viu, estavam prestes a bater em outro carro, ele virou o volante com toda sua força para desviar e acabou enfiando o veículo em um poste. Todo o corpo de Elizabeth foi amassado, ela morreu na hora.

Desde aquele dia, Alves não dorme direito, sempre que fecha os olhos ele se lembra do cadáver de sua garota completamente quebrado no banco do copiloto. Ele sabia que era o responsável pela morte de sua filha. Culpar-se era inevitável.

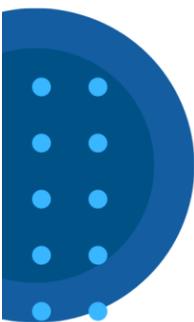




O que era para ser um momento de distração, tornou-se motivo de mais choro. Luciano observava os quadros ao seu redor, principalmente os que sua filha pintou. A casa estava cheia deles. Os dois possuíam o costume de passar a tarde inteira no atelier pintando. Alves ensinou tudo que sabia a Elizabeth, tipos de pincéis, técnicas, como usar as cores. Ela dizia que um dia se tornaria uma pintora melhor que ele.

Luciano nunca teria a chance de ver o sonho de sua criança virar realidade. Um quadro em específico chamava a sua atenção. Ele se levantou e caminhou até onde a tela estava, passando por tintas e vernizes espalhados pelo chão.

Alves segurou a pintura, e viu uma cena comum em seu antigo cotidiano. Um homem de aparentemente trinta anos de idade, cabelos castanhos ondulados, um bigode e barba bem-feita, estava sentado ao lado de uma criança loira de cabelos encaracolados, a menina segurava um gatinho preto de pelúcia em suas mãos. Aquela pintura era a mais recente de Elizabeth, ela recriou uma foto de família perfeitamente.



Luciano sentiu lágrimas escorrerem por seu rosto. A imagem de sua menina que criou por dezessete anos não saía de sua cabeça. Ela era quase uma adulta, possuía tantos sonhos para o futuro que forem cruelmente interrompidos por uma morte trágica. Uma morte que foi culpa dele.

O homem abraçou o quadro e caiu no chão, sentindo seus joelhos ficarem fracos. Ele chorou até pegar no sono, deitado no piso gelado. Acordou no meio da noite vendo a luz da lua entrar pela grande janela do atelier. O pintor se levantou e caminhou até o corredor, fechando a porta da sala.

Ele entrou em seu quarto e se deitou ainda vestido. Adormeceu assim que sua cabeça encostou no travesseiro, mas sua noite foi estranha. Fazia alguns dias que estava tendo uma série de



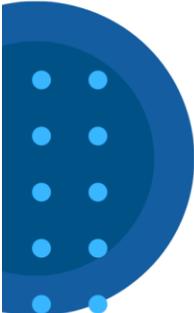


pesadelos. Desta vez isso não aconteceu, acordou como se apenas um minuto tivesse se passado, e todo seu corpo doía e reclamava quando ele caminhava.

Luciano sentiu seus olhos pesarem assim que levantou, então caminhou até o banheiro para molhar seu rosto. Seu reflexo era algo decadente, o homem costumava ser belo e vaidoso, uma pessoa alegre e de alto astral. Mas, agora, ele não se reconhecia mais. Seu cabelo havia crescido, quase tocava os ombros, a barba estava desalinhada e ele possuía olheiras profundas.

As maçãs de seu rosto eram marcadas, seu olhar era vazio e sardas circulavam seu nariz reto. O homem derramou a água da torneira em sua face, sentindo arrepios pela temperatura gelada do líquido. Ele pensou em deitar na cama de novo, mas não havia comido nada no dia anterior, e a fome se fez presente.

Luciano desceu as escadas até o térreo. A moradia do pintor era fora do padrão, obras estavam penduradas por todos os cômodos, os móveis possuíam tons pastéis, como bege ou marrom, que faziam contraste com as paredes brancas. Mas não importa o quão colorida sua casa fosse, o pintor sempre veria tudo em preto e branco.



Ele caminhou até a cozinha e se sentou na mesa de centro. Sua irmã Lívia fritava dois ovos no fogão. Ela era cinco anos mais velha que Luciano. Desde que Elizabeth morreu, a mulher se mudou para a casa do irmão no intuito de lhe fazer companhia.

Os dois eram parecidos fisicamente, Lívia possuía longos cabelos cacheados, presos por um rabo de cavalo. Rugas aparentes em sua testa e abaixo dos olhos. A mulher colocou um desses ovos em um prato junto a uma fatia de pão torrado e entregou ao irmão.

- Como você está se sentindo? - Lívia perguntou, levantando o queixo do homem com a ponta de seus dedos para ele olhar em seus olhos.





- Bem - o pintor respondeu indiferente, dando uma mordida na torrada.

- Você não parece tão bem, pelo menos está melhor que ontem.

Luciano amontoava o ovo em cima do pão e tentava comer sem derrubar o conteúdo, falhando no processo.

- Eu fico feliz que tenha seguido meu conselho. O quadro ficou lindo - Lívia disse enquanto se sentava na mesa para comer junto dele.

- Que conselho? – Ele perguntou com a boca cheia.

- O de pintar.

- Mas eu não pinte nada.

- Eu achei um quadro posto no centro do atelier mais cedo, você deixou a porta aberta então eu decidi dar uma olhada.

- Ah, claro, eu não pinte aquele quadro, Elizabeth pintou. Eu só estava olhando para ele ontem à noite e o esqueci jogado.

-Por que Elizabeth fazia uma pintura sua de costas? E comigo te observando no fundo? – Lívia perguntou.

Luciano ficou confuso ao ouvir aquelas palavras saírem da boca de sua irmã. Ele terminou de comer o seu café e subiu as escadas em direção ao atelier. Ele se deu de cara com uma grande porta dupla branca com decoração rústica. O ambiente era repleto de quadros, desenhos, espátulas e pincéis, algumas latas de tinta espalhadas pelo chão que estava manchado de verniz.

A sala era alta e cheirava a acrílico. Havia armários em ambos os lados e uma bancada de artesanato embaixo de uma grande janela. As paredes e o piso estavam manchados por tintas de várias cores.





Mas o que mais chamou a atenção de Luciano foi um cavalete no meio do cômodo segurando um quadro. Aquilo não estava ali antes, ele se aproximou devagar, tentando ver o que estava pintado na tela.

Era a mesma cena que havia acontecido no dia anterior, o homem sentado no meio de atelier olhando para o quadro de Elizabeth. A única diferença era uma silhueta feminina o observando, próxima de um armário. Ela possuía cabelos compridos e cacheados, não podia se afirmar o que a figura vestia, pois ela era pintada somente pela cor preta. Luciano reconheceu imediatamente a sombra do quadro. A mulher que Lívia havia mencionado não era ela, mas Elizabeth.

Elizabeth estava ali.

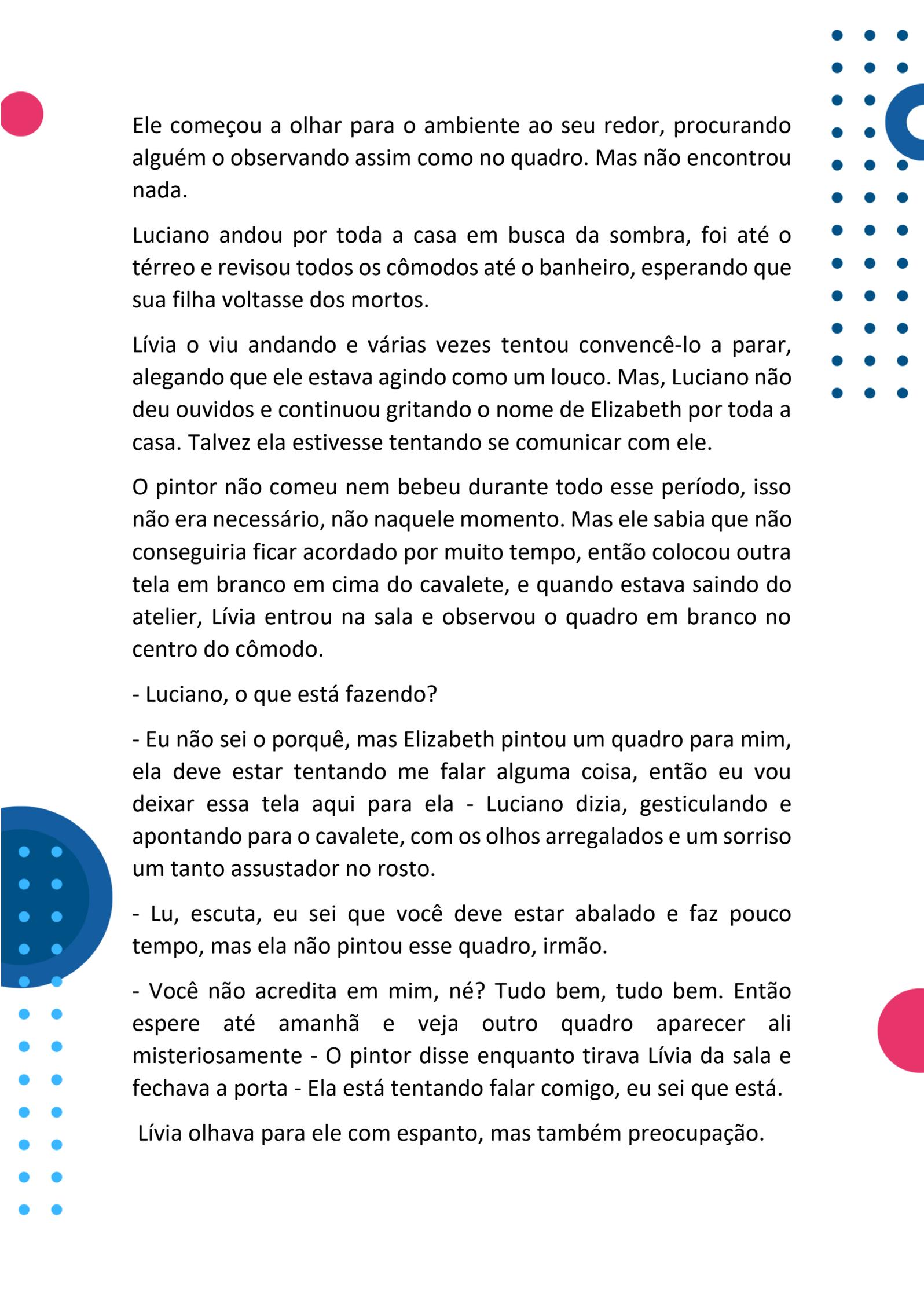
O homem tocou na tela, a tinta estava fresca, não molhada, mas gelada. Aquilo havia sido pintado há poucas horas. Ele correu até o armário do lado da bancada e tirou outra pintura de dentro. Uma paisagem de cachoeira, no canto da tela havia uma assinatura. Elizabeth Alves.

Os dois quadros possuíam o mesmo tipo de pintura, a mesma técnica. Ele levou as duas telas para sua bancada e começou a analisá-las. O estilo de pintura de Elizabeth era muito parecido com o dele, já que ele lhe ensinou a pintar. Mas ela era menos experiente, então os quadros de Luciano eram mais completos.

O homem foi retratado de costas na pintura, mostrando poucas partes do seu corpo. O atelier possuía poucos detalhes e a sombra no canto da obra foi pintada puramente por preto, sem sombreamento. Elizabeth pintou aquele quadro.

- Filha, você está aí?





Ele começou a olhar para o ambiente ao seu redor, procurando alguém o observando assim como no quadro. Mas não encontrou nada.

Luciano andou por toda a casa em busca da sombra, foi até o térreo e revisou todos os cômodos até o banheiro, esperando que sua filha voltasse dos mortos.

Lívia o viu andando e várias vezes tentou convencê-lo a parar, alegando que ele estava agindo como um louco. Mas, Luciano não deu ouvidos e continuou gritando o nome de Elizabeth por toda a casa. Talvez ela estivesse tentando se comunicar com ele.

O pintor não comeu nem bebeu durante todo esse período, isso não era necessário, não naquele momento. Mas ele sabia que não conseguiria ficar acordado por muito tempo, então colocou outra tela em branco em cima do cavalete, e quando estava saindo do atelier, Lívia entrou na sala e observou o quadro em branco no centro do cômodo.

- Luciano, o que está fazendo?

- Eu não sei o porquê, mas Elizabeth pintou um quadro para mim, ela deve estar tentando me falar alguma coisa, então eu vou deixar essa tela aqui para ela - Luciano dizia, gesticulando e apontando para o cavalete, com os olhos arregalados e um sorriso um tanto assustador no rosto.

- Lu, escuta, eu sei que você deve estar abalado e faz pouco tempo, mas ela não pintou esse quadro, irmão.

- Você não acredita em mim, né? Tudo bem, tudo bem. Então espere até amanhã e veja outro quadro aparecer ali misteriosamente - O pintor disse enquanto tirava Lívia da sala e fechava a porta - Ela está tentando falar comigo, eu sei que está.

Lívia olhava para ele com espanto, mas também preocupação.



- Dorme bem, e para de pensar nessas coisas.

Lívia caminhou pelo corredor até chegar em seu quarto, que antigamente costumava ser o quarto de hóspedes. Ela ficou lá, pois Luciano se recusava a usar o quarto vazio de Elizabeth.

O homem foi até sua cama, um pouco sonolento. Deitou-se e tentou dormir, mas sua ansiedade o impedia. Saiu da cama no meio da noite e caminhou até o atelier, pensou em pegar Elizabeth no flagra pintando o quadro, mas quando chegou lá havia apenas a tela em branco no centro da sala.

Ele voltou para o seu quarto e tentou dormir de novo. Desta vez conseguiu. Mas sua noite foi como um piscar de olhos, não sonhou com nada e acordou mais cansado do que no dia anterior.

Luciano queria ficar mais tempo em sua cama, queria dormir mais um pouco, porém também estava curioso sobre o quadro. Então se levantou e correu até o atelier, e viu a porta entreaberta. O homem entrou na sala e viu um quadro novo.

Desta vez, a tela retrava Luciano andando pela casa, mais especificamente na sala, gritando por Elizabeth, e no fundo dava para ver duas mulheres de cabelo cacheado. Uma era Lívia, que olhava para o pintor com uma feição preocupada. E do outro lado da imagem havia uma sombra preta o observando.

Luciano pegou o quadro nos braços, passou a ponta dos dedos pela tela, a tinta estava úmida, não molhada, mas gelada. Havia sido pintado há poucas horas.

O homem percebeu uma mancha marrom no chão, logo ao lado do cavalete. Aquilo não estava ali antes, o piso era completamente manchado por tinta, mas aquela era nova, o homem conhecia todas as pinturas do chão, pois foi ele quem as fizera. Alves colocou o quadro debaixo do braço e caminhou até o quarto de Lívia.





Ele abriu a porta sem bater e viu a mulher deitada no meio de uma grande cama de casal, com a fronha bege. O homem sacudiu o ombro da irmã no intuito de acordá-la. Ela abriu os olhos com dificuldade, sua cara estava amassada e os cabelos emaranhados, e havia um tapa-olho roxo em sua testa.

- Luciano, o que raios você tá fazendo aqui?
- Olha o que eu achei - O pintor disse mostrando o quadro para Livia, como uma criança mostrando um brinquedo.
- É um de seus quadros sinistros de novo?
- Eu já te falei, eu não pintei isso.
- Não, é claro que não foi, o espírito de Elizabeth quem pintou.
- Livia, eu estou te falando a verdade, ela está aqui, ela pintou isso para mim!
- Luciano, escuta o que você está falando por minuto, pode até estar de luto, mas não está louco.

A esse ponto Livia já estava de pé ao lado da cama, olhando com raiva para o irmão.

- Não, você não entende? Ela pintou isso para mim, eu sinto isso.
 - Ah, você sente? Quer que eu acredite que a sua filha morta está perambulando por aí pintando quadros?
 - Por que você não consegue me escutar?!
 - Se você falasse pelo menos uma coisa sem parecer um maníaco que não superou a morte da filha, talvez eu escutasse. Você enterrou ela, Luciano, você viu ela morrer. Sua filha está morta, entenda isso! –, Livia gritou assustada ao ver o irmão naquele estado. Ela se arrependeu do que disse assim que as palavras saíram de sua boca, mas não se desculpou.
- 



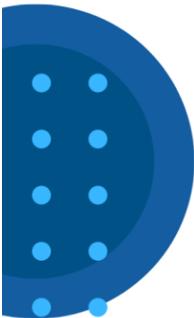
-Por que você não acredita em mim? – Luciano falou com um semblante de pura tristeza.

- Acho que no fundo nem você acredita no que está dizendo. Sai do meu quarto e descansa um pouco, talvez assim tire essas ideias malucas da cabeça.

Luciano saiu do cômodo, sentindo uma raiva indescritível de sua irmã. Ele caminhou novamente até o atelier com o quadro embaixo do braço, carregou a pintura até sua bancada e pegou o estilete.

Essa pintura possuía menos detalhes do que a última, parecia ter sido feita com pressa. Alves passou a ponta da lâmina na tela, retirando um pouco de sua tinta. Queria saber se aquele quadro foi feito em cima de outro, mas uma tela branca se revelou em baixo das camadas de pintura. O homem caminhou até seu armário e viu que duas de suas telas haviam desaparecido. Elizabeth estava pegando os quadros do armário dele.

Luciano estava frustrado com toda aquela situação. Sua filha o tentava avisar algo e ele não conseguia entender o quê. Além disso, sua irmã não acreditava em si. Sentia-se sozinho, abandonado. Estava acostumado com essa sensação, mas isso não fazia doer menos.



Durante toda a sua vida teve que criar Elizabeth sozinho, porque sua esposa faleceu quando a garota tinha cinco anos. Ele teve que ser forte por ela, teve que aguentar tudo para que sua garotinha não sofresse tanto. Mas, quando seu coração estava partido, pela perda da razão de sua felicidade, ele teve que passar por tudo sozinho outra vez. A solidão e a perda eram suas velhas amigas.

Luciano não entendia o porquê de aquilo estar acontecendo, perdeu tudo do dia para noite, perdeu por um descuido, um pequeno erro. Se tivesse prestado mais atenção na estrada, ela ainda estaria viva.





Ele sentia raiva. Raiva de si mesmo.

Luciano pegou o estilete em suas mãos e começou a esfaquear o quadro, rasgando-o por completo. Lágrimas escorriam por seu rosto enchendo sua boca de sal. Ele gritava com toda a força, enquanto acertava os golpes na tela. Só parou quando percebeu um buraco enorme na tela. Suas mãos estavam cheias de tinta, e seu corpo tremia.

- Por que isso está acontecendo comigo? – Ele se perguntou olhando para cima.

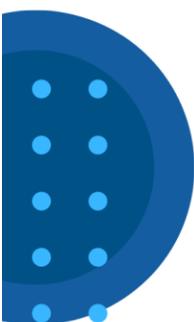
Luciano se levantou de sua cadeira e saiu do cômodo com o rosto ainda vermelho. Ele se deu de cara com o corredor extenso do segundo andar. Alves se sentia perdido, sem saber o que fazer. Não fazia ideia do que estava acontecendo, ele estaria no chão chorando se tivesse forças para isso. Alimentou-se tão pouco nos últimos dias que seus ossos estavam marcados em sua pele.

O homem desceu até a cozinha e preparou um sanduíche e uma caneca de café. Estava cansado, muito cansado, mais do que deveria estar. Ele não conseguia ignorar um estranho pressentimento no fundo de sua consciência, algo que lhe dizia para correr. Mas correr para onde? De quê? Luciano mal conseguia se manter em pé.

Ele se deitou mais cedo do que nos outros dias, pensou em conversar com Lívia, mas sabia que teriam outra briga, e o homem já estava triste o suficiente. Alves se deitou e dormiu muito rápido.

A noite passou muito rápido, ele mal conseguia descansar. Quando percebeu que era manhã, pensou em levantar e sair correndo para o atelier, mas seu corpo estava tão cansado que ele não conseguia levantar.

Aquele quadro (se houvesse um quadro lá) poderia esperar mais alguns minutos. O pintor se levantou depois do meio dia.





Mergulhado em ansiedade, Luciano caminhou até o atelier, ele percebeu que a porta estava aberta e no centro da sala havia uma mulher de cabelos encaracolados olhando para um quadro posto no cavalete.

Lívia se virou para Alves com uma expressão assustada, ela saiu da frente da pintura deixando que o homem visse seu desenho. Era a cena de Luciano e Lívia brigando no quarto da mulher. Desta vez a tela era mais detalhada do que as duas últimas, e no canto do quarto, uma sombra preta feminina observava os dois.

- Talvez você esteja certo - A cacheada disse - Elizabeth está tentando nos contar algo.

- Acredita em mim agora? – Perguntou Luciano, aproximando-se do quadro.

- Tem certeza de que não é você quem está pintando isso?

- Eu me lembraria se tivesse pintado um quadro.

- Então provavelmente tem um fantasma nesta casa. Ótimo.

- É da minha filha de quem estamos falando. Ela quer nos avisar de alguma coisa.

- Nos avisar do que exatamente?

- Essa parte eu não descobri ainda.

Lívia soltou um longo suspiro e voltou a olhar para a pintura.

- Esses quadros não nos dizem nada, são só pinturas do nosso cotidiano.

- Com a minha filha em forma de fantasma nos observando.

- Eu se fosse você relaxava um pouco, irmão. Quando foi a última vez que você tomou banho?





- Não sei como tomar um banho vai nos ajudar a descobrir o que está acontecendo.

- Vai me ajudar, Luciano. Se eu vou passar as minhas tardes do seu lado, pelo menos esteja limpo.

O pintor bufou, resolveu seguir o conselho de sua irmã. Foi até o seu quarto e tirou as roupas que estavam há dias em seu corpo.

Ele notou que as manchas de tinta em seus dedos não haviam saído desde o incidente com o estilete do dia anterior. Luciano ligou o chuveiro e sentiu o estresse de dias soltar e seus ombros tensionados escorrerem com a água até o ralo.

Alves saiu do banho e colocou uma muda de roupa limpa. Pela primeira vez em semanas, Luciano se sentiu tentado a escolher o que vestir com um pouco mais de atenção. Ele pegou uma calça bege e uma camiseta marrom de seu roupeiro. Usar uma vestimenta mais larga, mas também bonita fez com que depois de muito tempo Luciano gostasse do reflexo que viu no espelho.

O pintor caminhou até o atelier e, quando viu aquele maldito quadro no centro da sala, sentiu-se melancólico novamente.

Alves caminhou até a tela com muito cuidado, ajoelhou-se em sua frente e juntou as duas mãos como se fosse rezar.

-Elizabeth, por favor fale comigo.

O cômodo permaneceu em silêncio.

-Minha filha, por favor, me conte o que você quer, eu preciso saber.

Novamente, nenhum som foi proferido. A sala estava mergulhada em um silêncio torturante para Luciano.

-Liza, por favor...

Elizabeth não respondeu, estava negociando com o nada.





- Por favor! - O homem disse, agora implorando para qualquer entidade que estivesse escutando.

- Isso não vai funcionar, irmão. - Lívia falou batendo duas vezes na porta do atelier.

- Então o que eu deveria fazer? Comprar um tabuleiro ouija?

A mulher soltou um sorriso de canto de boca, e voltou a olhar para o irmão.

-É da minha sobrinha que estamos falando. Se queremos saber o que Elizabeth quer dizer temos que deixar ela falar, quantas telas em branco você ainda tem?

- Duas.

- Então ainda vai ter mais dois quadros.

- E o que fazemos? Esperamos?

- Não é como se pudéssemos fazer outra coisa. Esses quadros só aparecem quando estamos dormindo, então acho que teremos que esperar até amanhã.

- São seis e meia da tarde, quer que eu vá dormir agora?

- Não parece ser uma ideia muito ruim, você está acabado.

Ele percebeu que realmente estava muito cansado, o que era estranho, pois havia acordado depois do meio dia. Mas o pintor escutou sua irmã e foi até seu quarto dormir.

Luciano colocou um pijama e se deitou no colchão, achou que demoraria até pegar no sono, mas na verdade dormiu assim que sua cabeça tocou no travesseiro. Uma noite limpa de sonhos.

Ele acordou com Lívia sentada no pé de sua cama. A mulher jogou um quadro em seu colo.





- O que aconteceu, você achou um novo quadro? – O pintor sentou na cama segurando o quadro.

- Qual quadro? O que você pintou?

- Do que você está falando?

- Não se lembra de nada de ontem à noite?

- Não, o que aconteceu?

- Eu fui até o atelier no meio da madrugada, e você estava lá, pintando uma tela. E quando eu fui falar com você, parecia que você estava em transe, falando coisas sem sentido e dizendo que “ele está chegando”.

- Eu disse essas coisas?

- Disse, mas a conversa foi estranha. Era como se eu estivesse falando com uma outra parte de você. - Lívia colocou as duas mãos no rosto do irmão e olhou no fundo de seus olhos- Eu sinto muito, mas ela não está aqui, foi sempre você. - Finas lágrimas escorreram pelo rosto da mulher, como se só naquele momento ela tivesse sentido o peso da morte de sua sobrinha.

O homem se levantou da cama em choque. Como não se lembrava de nada disso? Em sua concepção havia dormido a noite inteira. Ele pegou o quadro jogado na cama e o analisou. Aquela tela lançava uma energia estranha. Ela retratava o homem ajoelhado em frente ao quadro que haviam encontrado no dia anterior. Alves não conseguia acreditar que ele mesmo havia pintado aquilo. Um pressentimento horrível o invadia, estava tão ruim psicologicamente que seu corpo se lesionava. Ou talvez estivesse ficando louco.

Ele não conseguiu fazer nada além de ficar deitado o dia todo.





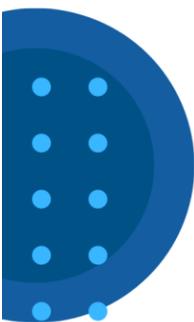
Lívia tentou convencê-lo de se levantar e comer, ou até beber água, mas o homem estava deprimido demais para pensar em algo além de sua querida filha.

Seu corpo estava em alerta, não o deixava descansar. Ele ficou chorando com a cabeça enfiada em um travesseiro a tarde toda. Não se lembra exatamente de quando adormeceu, mas acordou coberto de suor. Suas mãos tremiam, ele estava nervoso e não sabia o porquê. Se sentia atraído, tentado a ir até o atelier, e assim ele fez.

Seu medo aumentava enquanto se aproximava da sala de pintura. Luciano abriu a porta imponente e se deu de cara com uma cena familiar. Um quadro posto no cavalete no meio da sala, mas essa pintura era diferente. Ao invés de retratar uma cena de seu cotidiano, retratava Elizabeth morta.

O homem se aproximou da pintura a passos lentos. Mas não morta por um acidente de carro, sua sombra morta por alguém. Luciano Alves tocou a tela com a ponta de seus dedos. Morta por uma criatura. Ela era esguia, e muito magra, ao ponto dos ossos de sua costela estarem marcados. Pelas suas garras escorria um líquido marrom, que se assemelhava à tinta. Seu rosto era tampado por duas mãos pretas que saíam de seus cabelos. Uma cobria sua testa, e a outra sua boca e nariz, deixando apenas os olhos aparentes.

O pintor escutou passos pelo corredor, alguém estava parado na porta do atelier. Luciano sabia, ele estava ali.



Alves se virou e viu a criatura parada em sua frente. Sua presença era intimidadora, seus olhos âmbar estavam fixos nele. Uma ventania vinda de lugar nenhum, invadiu o cômodo. O ambiente estava o repelindo, era como se ele nem devesse existir. Todo o seu corpo era coberto por arranhões marrons, a coisa parecia chorar.





- Quem é você? – perguntou Luciano.

- Eu sou você. - A coisa respondeu, mas era como se ela não falasse de verdade, mas a cabeça de Luciano entendesse o que ela queria dizer.

- O que você está fazendo? Por que veio aqui?

- Você não entendeu ainda? – A criatura correu até ele e agarrou seus ombros, aproximando seus rostos – Sua culpa me mantém vivo, me mantém sofrendo. No fundo você sabia que eu estava vindo, mas escolheu se cegar diante da verdade. Você me criou, e como eu estou vinculado a você, o único jeito de acabar com a minha dor, é acabar com a sua primeiro. – A besta levantou suas garras e arranhou seu rosto, deixando um machucado marrom.

O homem gritou de dor e caiu no chão. Estava desesperado, sua culpa havia assumido uma forma física para assombrá-lo.

Luciano se levantou e correu pelo corredor. A criatura o seguiu de forma desengonçada. Alves estava fraco, fazia dias que comia ou dormia direito. A besta o alcançou facilmente, cravando suas garras em seu ombro. Luciano começou a se debater, tentando escapar do monstro. Ele usou seu braço livre para dar um tapa na cara do bicho. O pintor era fraco, mas a besta também era, pois ela cambaleou para trás e soltou o braço do homem. Ele aproveitou que a criatura estava atordoada para continuar a correr. O sangue jorrava no chão. A besta alcançou Luciano novamente antes que ele tivesse a chance de chegar até o final do corredor. Lívia saiu de seu quarto ouvindo a gritaria, seus olhos se arregalaram quando a mulher viu a criatura em cima de seu irmão.

-Luciano, o que está acontecendo?

-Lívia, sai daqui!

A besta fincou as garras na coxa do pintor. O homem jogou a cabeça para trás, não conseguindo raciocinar direito pela dor.



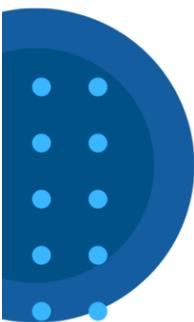


Lívia correu e se agarrou ao pescoço da criatura que se debateu tentando tirar a mulher de cima dela. A besta soltou a perna de Luciano que começou a se arrastar para trás, longe da briga. O monstro pegou a mulher pelos cabelos e a arremessou em direção a uma porta. A criatura se virou tendo sua atenção novamente para o pintor.

- Você fez a minha existência miserável, está na hora de acabar com isso.

Ele começou a caminhar lentamente até Luciano, raspando suas garras no chão. Alves via toda a sua vida passar diante de seus olhos. Lembrou-se do dia em que sua filha deu seus primeiros passos, do dia em que sua esposa morreu, da primeira vez que foi reconhecido por seus quadros, quando ensinou Elizabeth a pintar, uma vez em que Lívia teve que o levar para a cama no colo, pois ele ficou pintando até tarde. Lembrou-se de todos os amigos que fez, dos momentos que viveu, da pessoa que era. Sabia que iria perder tudo aquilo em alguns segundos. Ele era muito mais que as pessoas ao seu redor. No dia em que Elizabeth morreu, uma grande parte dele morreu junto, mas não tudo. Luciano Alves finalmente entendeu.

Elizabeth estava morta.



A criatura parou a centímetros dele, mas, ao invés de matá-lo, ela tirou as duas mãos, revelando sua face. Por um segundo, Luciano achou ter visto o rosto de Elizabeth, mas quando prestou mais atenção percebeu que era o seu. Eles eram tão parecidos.

-Obrigado! - A criatura disse antes de desaparecer como poeira no ar.

Lívia se levantou tonta do chão, correu até o irmão e se atirou em seus braços.

- Lu, você está bem?





- Eu estou, o pior já passou.

Lívia enterrou a cabeça em seu peito e começou a soluçar sem parar.

- Não se preocupa, irmã- ele levantou seu queixo para que ela olhasse em seus olhos- Eu ainda tenho um motivo para viver.

O homem andava pelo atelier com o braço e a perna enfaixados. Ele decidiu limpar o lugar depois do acidente. Havia separado os cinco quadros que encontrou, pretendia queimá-los. Durante a sua arrumação, o pintor encontrou uma tela jogada no chão. Ele a segurou e viu a assinatura de sua filha. Ele se lembrava perfeitamente de quando ela pintou aquela obra.

Ele estava caminhando pelo corredor quando viu a porta do atelier aberta. Luciano se aproximou e olhou para dentro do cômodo. Nele sua filha, uma garota loira de cabelos encaracolados, estava sentada no chão com uma variedade de tintas espalhadas ao seu redor.

-O que você está fazendo? – O homem perguntou

Elizabeth se virou em direção a ele, sua cara estava cheia de tinta e ela segurava um pincel com a boca.

-Eu estou pintando.

Luciano caminhou até ela e se ajoelhou ao lado da garota. Ela segurava em suas mãos uma foto antiga de quando tinha sete anos.

- Você está usando o pincel errado. - O homem disse pegando outro pincel em cima do cavalete. - Para esse tipo de detalhe, precisa usar um com a ponta mais fina.

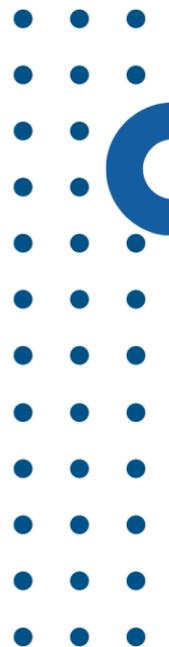
Elizabeth pegou o objeto em suas mãos e pintou a roupa do pai no quadro, ela sorriu para o homem quando viu que conseguia

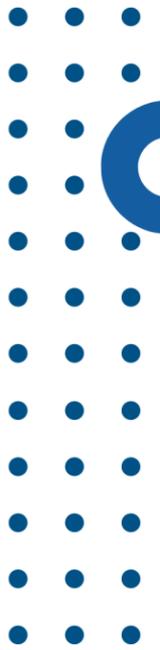


pintar com mais facilidade. Um sorriso de um anjo, um anjo que estava no passado.

Luciano Alves guardou o quadro no fundo de seu armário, deixando aquela memória descansar. É triste que pessoas que amamos tenham que partir, mas os momentos felizes que elas deixaram são o mais importante. Elizabeth foi a luz da vida do pintor, é uma pena que ela só pôde ficar por tão pouco.

Elas estão observando.





25/02/2009

Querido diário, eu não escrevi nos últimos dias, pois minha mãe me mandou aproveitar que eu estava em uma biblioteca e ler. Então estive ocupada. Mas, mamãe está muito feliz, pois o papai escreveu algumas histórias. Aparentemente ele já as escrevia há alguns dias, mas eu não sei por que ele não me mostrou. Papai fez uma capa provisória e tudo. Eu acho que vou pegar os livros dele e esconder na biblioteca junto das minhas páginas do diário, talvez um dia alguém encontre. Ele tem quatro até agora, exatamente o número de páginas que eu tenho, mas eu acho que ele ainda vai escrever mais livros, então eu vou continuar escrevendo também.



A garota que carregava uma foice

Angelina Bastos era uma alma solitária, ela não possuía muitos amigos. As outras crianças do orfanato onde morava não eram muito gentis com a garota. Eles constantemente a atormentavam, chutavam terra em sua comida, faziam piadas por ela dormir com um bichinho de pelúcia e até mesmo maltratavam seu gatinho de estimação. Os adultos pareciam ser mais tolerantes com ela, as outras crianças não gostavam do tratamento especial que recebia, por isso a menina era sempre o alvo das piadas.

Angelina procurava desesperadamente por Fubá. Era comum o gato sumir durante um determinado período do dia, mas ele nunca desaparecia por tanto tempo. A menina suspeitava que as outras crianças pudessem ter feito algo com ele. Ela até mesmo pegou o ursinho de pelúcia de seu quarto para que os outros não tentassem colocá-lo no lixo de novo.

Enquanto ela corria, percebeu que as crianças ao seu redor estavam rindo e cochichando enquanto ela gritava o nome de Fubá. Isso só a deixou mais preocupada. Ela percebeu que perto de uma árvore, onde ninguém estava sentado, uma pequena figura preta e peluda deitava ao lado de um arbusto.

Angelina correu até lá e se deparou com o corpo de seu gatinho jogado no chão. Ela se ajoelhou em frente a ele e percebeu que seu pescoço estava torcido. A garota nunca pensou que a implicância de seus colegas iria tão longe, eles já haviam machucado Fubá antes, mas matá-lo era muito cruel.

A menina abraçou o gatinho e sentiu lágrimas escorrerem por seu rosto, ela tentou se controlar, pois não queria chorar na frente dos outros. Isso era exatamente o que eles queriam.

A garota percebeu que alguém a estava observando, alguém que não eram as outras crianças. Ela levantou seu rosto e viu uma



figura encapuzada andar em sua direção. Os outros não pareciam notar sua presença, não olhavam para ela, mesmo a mulher sendo tão diferente. Quando caminhava seus pés não emitiam barulho. Angelina a conhecia, ela apareceu no orfanato anteriormente, duas vezes. Mas a mulher de capuz só a visitava quando uma tragédia acontecia.

- Eu vi você chorando de longe, aconteceu algo, querida? - Ela falou com uma voz gentil, ajoelhando-se com um só joelho ao lado da garota.

Ela era tão bonita que não parecia real. Seus cabelos escuros eram trançados, a pele negra, com algumas manchas brancas em seu rosto que se assemelhavam a uma caveira. Uma capa preta cobria suas vestes, e em suas mãos ela carregava uma foice.

- Eles mataram o Fubá, tiraram ele de mim. - A criança disse entre pequenos soluços.

Delicadamente, a mulher colocou suas mãos em seu pescoço e rosto, soltou um longo suspiro.

- O pescoço dele foi quebrado, chegou a hora dele partir – A figura encapuzada disse pegando o corpo do gatinho em seu colo. - Agora ele tem que vir comigo.

- Ir com você? Para onde, sua casa?

- Mais ou menos.

- Mas eu não quero que ele vá!

A mulher olhou para a criança com uma expressão estranha, uma mistura de pena e talvez identificação. Seus olhos pretos olharam diretamente nas íris marrons de Angelina. A garota não via sentimento algum, como se a garota que carregava uma foice já tivesse vivido tanto, que coisas tão banais não a afetavam mais.





- Eu sei, querida, mas todos temos de ir em algum momento. – Ela acomodou o corpo de Fubá em seu colo, e deu as costas à menina.

Bastos percebeu que as crianças ao redor riam dela, por aparentemente estar conversando sozinha. Angelina não entendia, tinha de aguentar aquela situação mesmo depois da morte de seu melhor amigo. E o pior de tudo isso era saber que ela não teria ninguém para desabafar. A pessoa que a tratou com mais gentileza estava indo embora carregando o corpo de seu gato.

- Ei, espere, antes de ir diga-me se essa dor passará.

A mulher se virou para Angelina novamente. Sua aparência era assustadora, mas a presença dela trazia calma para a garota.

- Não, irá doer como uma ferida aberta, mas vai cicatrizar, e você sempre terá a marca disso para que se lembre dessa dor.

A garota não entendeu sobre o que ela estava falando. A garota já tinha cicatrizes, conseguiu-as no acidente em que seus pais morreram. Não queria sentir aquilo de novo.

- Eu quero o Fubá de volta, eu amo ele - ela disse choramingando, e colocando suas mãos sobre o rosto.

- Junto com o amor vem a perda, meu bem. Tudo que amamos se vai em algum momento. Esse é o preço por experimentar um sentimento tão puro como esse.

Angelina começa a chorar silenciosamente, sabia que nunca mais veria seu gatinho. Ela não conseguia aceitar, mas não havia nada que pudesse fazer quanto a isso.

Uma sensação horrível a invadia, seu corpo todo temia e as lágrimas escorriam descontroladamente pelo seu rosto. Ela só queria que aquela dor passasse, que esvaísse de seu peito, mas só aumentava e a corroía por dentro.



Aquilo era insuportável e familiar. Ela sentiu aquele mesmo sentimento no acidente de carro em que seus pais vieram a óbito. A dor a fez lembrar do cheiro forte de sangue, o gosto metálico que escorria por sua boca, os corpos de sua mãe e de seu pai retorcidos no banco da frente. O desespero se fez presente e sua visão ficou embaçada, e a última lembrança que teve é de acordar na cama de um orfanato.

- Eu sei que sofre, pequena, mas em algum momento você ficará bem. Ele tem de ir, essa é a vontade das trevas - a mulher que carregava a foice disse.

- Por que só eu a vejo?

A mulher soltou um longo suspiro e olhou para a criança com pena.

- Sua alma morreu há muito tempo, mas seu corpo respira.

- O que isso quer dizer?

- Um dia você entenderá - a mulher diz, e novamente tenta caminhar para a saída.

- Se o Fubá vai, eu posso ir com você? - perguntou Angelina.

- Eu acho melhor não - respondeu a mulher encapuzada.

- Por quê?

- Porque não é a sua hora ainda.

- Isso significa que eu vou poder vê-lo na sua casa?

- Pode se dizer que sim, todos vão a minha moradia em algum momento.

- Mas até lá eu não vou ter nenhum amigo. Eu não quero ficar sozinha.



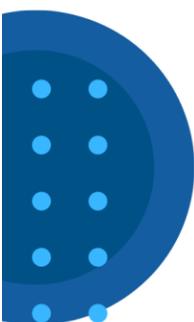
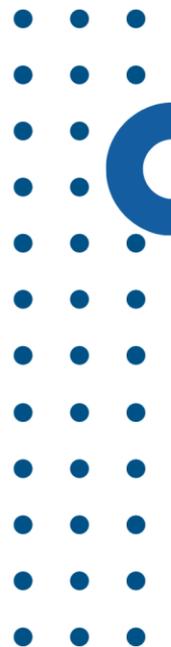


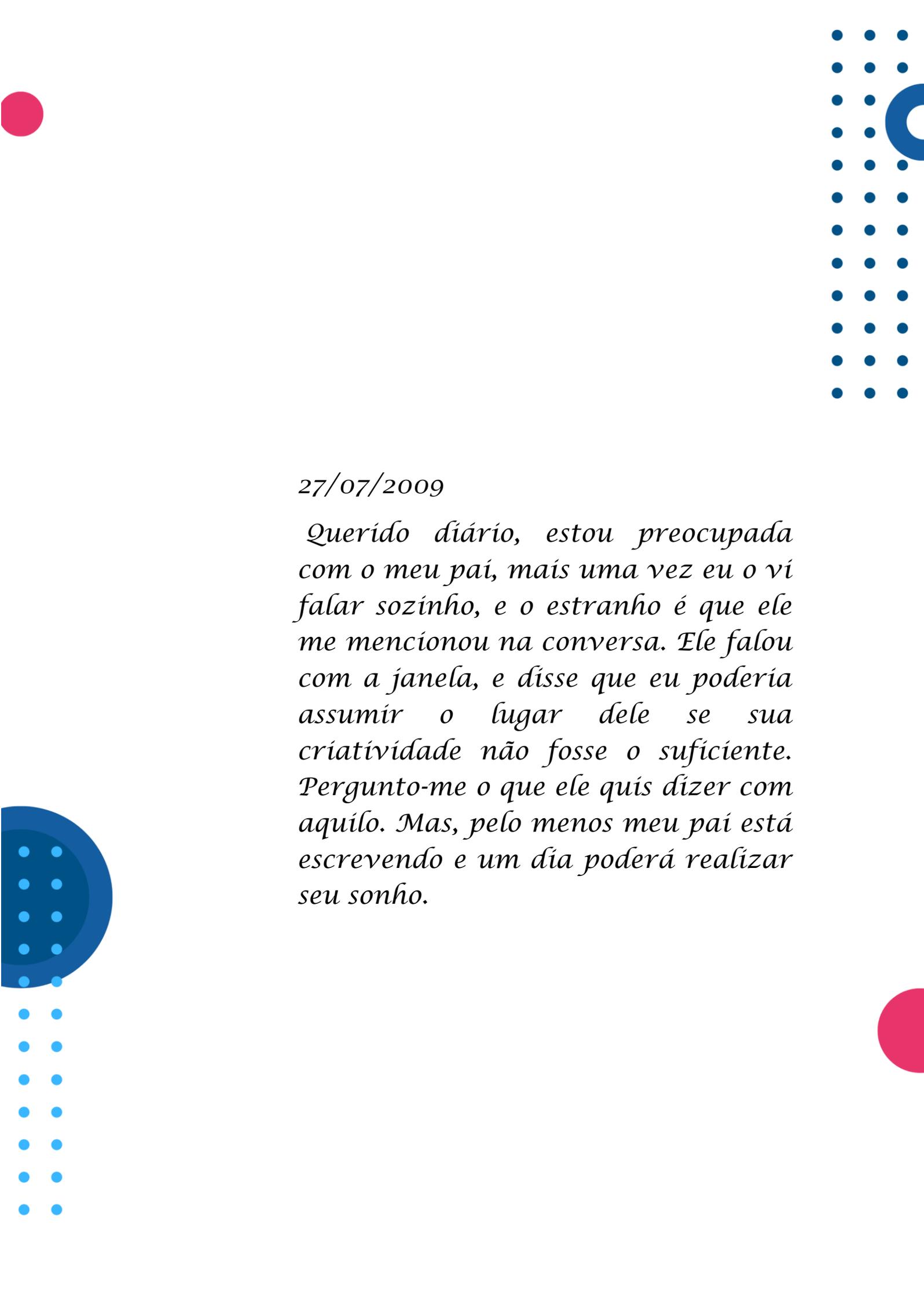
A figura encapuzada se ajoelhou novamente do lado dela e retirou uma pequena pelúcia do bolso de Angelina. Era um gatinho branco, tão pequeno que cabia na palma de sua mão. Ela juntou as duas palmas sobre ele e quando a mulher as abriu, o ursinho havia virado um gato branco de verdade.

-Eu posso não conseguir ressuscitar uma vida, mas eu posso fazer uma nova.

A mulher entregou o animal para a garota e continuou sua caminhada até desaparecer nas trevas.

Elas estão observando.





27/07/2009

Querido diário, estou preocupada com o meu pai, mais uma vez eu o vi falar sozinho, e o estranho é que ele me mencionou na conversa. Ele falou com a janela, e disse que eu poderia assumir o lugar dele se sua criatividade não fosse o suficiente. Pergunto-me o que ele quis dizer com aquilo. Mas, pelo menos meu pai está escrevendo e um dia poderá realizar seu sonho.



Passos fantasmas



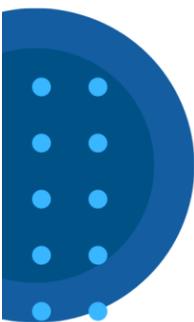
César Walker analisava atentamente as paredes de sua nova casa. Não entendia o porquê de seus pais comprarem um lugar tão horrível. Era grande, porém antigo.

O garoto conseguia ver uma camada espessa de poeira sobre a mesa central. Era uma típica casa de filmes de terror, feita de madeira, com pouca iluminação.

A sala de estar era grande e decorada. Logo ao lado dela havia uma escada que levava até o andar de cima. Sem muitos corredores e os cômodos devidamente separados. Não era algo ao qual César estava acostumado. Seu irmão mais velho, Daniel, corria por todos as salas tentando explorar o máximo possível. Viviane, sua irmã mais nova, abraçava fortemente o braço de sua mãe enquanto ambas admiravam a construção.

César subiu a longa escadaria até o andar de cima e caminhou ao quarto que logo seria seu. Ele era o menor dos cômodos. Vivi havia ficado com o maior, Daniel com um que possuía sacada, e o que restou ficou para o garoto. Walker notou as teias de aranha no teto assim que entrou. O ambiente estava vazio, sem ser pelas caixas empilhadas e a cama de solteiro, posta abaixo da janela. O menino se deitou no colchão e olhou para cima, sentindo o pó cair em seu rosto.

Quando chegou a hora de ir dormir, César escutou três batidas na porta. Assim que atendeu, ele viu Daniel parado, segurando o braço de Vivi. As duas crianças eram ruivas, com sardas ao redor dos narizes e olhos claros, assim como seu pai Fabrício. Já César se parecia com sua mãe, tendo cabelos e olhos pretos, um corpo mais baixo e fraco coberto por sinais de nascença.





-Ei, César, eu descobri que essa casa tem um porão, quer ir com a gente? - Daniel disse sussurrando.

-A essa hora? E se nossos pais virem?

- Eles já estão dormindo, e vai ser rapidinho - disse Viviane.

O garoto quase não havia explorado a construção, a verdade é que não estava interessado. Mas seu corpo ainda estava muito alerta para cair no sono, então decidiu passar um tempo com seus irmãos.

- Tudo bem, eu vou, mas se eles pegarem a gente a culpa é de vocês dois.

Os três desceram as escadas até o térreo.

Daniel caminhou em direção a um dos cantos da ampla sala de estar e abriu uma porta que estava escondida atrás de um vaso de planta, revelando um extenso corredor.

Eles caminharam até o final dele para se dar de cara com mais uma porta. Ela era extremamente velha e a madeira estava rachada. Dessa vez foi Vivi quem a abriu. Uma curta escadaria levava para baixo, em uma sala repleta de caixas de papelão e teias de aranha.

Daniel ligou as luzes e sem esperar seus irmãos começou a descer. A iluminação era fraca e o lugar cheirava a mofo. Sua irmã correu até um dos caixotes e começou a revisar o conteúdo de dentro,

Dani foi mais cauteloso, analisando o local com calma antes de ir até a parte mais escura para abrir uma pilha de pacotes embalados.

- Dani? Tem algo de interessante aí? – perguntou Viviane.

-Nada, só algumas roupas e porta-retratos quebrados. E aí?

- Nada também.





- Eu não sei o que vocês esperavam encontrar em um porão velho, tudo aqui parece ser tão antigo. - César murmurou do outro lado da sala.

- De quem vocês acham que eram essas coisas? – perguntou Vivi.

- Provavelmente do antigo dono. - O moreno respondeu.

-Esse *cara* é famoso aqui pela região. - disse Daniel.

-Famoso, como assim? – César perguntou.

- Ele era extremamente rico, e mandou construir este lugar, a mais ou menos oitenta anos atrás.

- Oitenta anos? Esse lugar parece ter uns duzentos - a ruiva comentou.

- Talvez ele gostasse de construções rústicas. - disse o mais novo.

- Bem, de qualquer forma ele mandou construir este lugar, e alguns meses depois a mulher dele o assassinou para ficar com a herança e se mudou logo depois. - Daniel continuou sua fala.

- Se eu fosse ela também sairia deste lugar horrroso. - César murmurou.

-Mas algumas histórias dizem que esse morador ainda caminha pela casa, já que todas as noites a vizinhança escuta passos altos vindos daqui.

- Como você sabe de tudo isso? – O moreno perguntou.

- Passei o dia todo conversado com os vizinhos do lado.

- E eles já encheram sua cabeça com historinhas.

- Ah, qual é César? Isso até que faz sentido. Ninguém comprou este lugar por medo de fantasmas, e o preço foi abaixando. Por isso a mãe e o pai compraram uma casa de uma hora para a outra



- diz Daniel - E eu estou achando que você só está com raiva porque eu estou fazendo outros amigos sem ser você.

César estava pronto para responder à provocação do irmão até perceber que durante a discussão Viviane estava muito calada. Ele se virou em direção á garota e a viu lendo algo em um pedaço de papel.

- O que você achou aí, Viviane?

A garota levantou a cabeça como se tivesse levado um susto, ela os observou com cautela e estendeu o braço em direção aos garotos segurando o pedaço de papel.

- Achei este bilhete em uma das caixas.

César pegou a folha das mãos de sua irmã. Ela estava amarelada e rasgadas nas pontas. E no centro com uma letra rabiscada havia escrito:

“Eu não consigo sair deste lugar

Era para eu estar morto

As trevas me amaldiçoaram.

Eu virei um andante

Não consegui me vingar

Então vou ter que esperar o próximo

Para minha tortura acabar.”

Daniel tomou o papel das mãos de César e começou a ler em voz baixa. Assim que terminou ele abriu um grande sorriso e virou seu rosto em direção ao do moreno.

- Agora sim, não tem como você não acreditar nessa lenda, a confirmação está bem aqui.





- Ainda não vejo como um bilhete velho prova que tem um fantasma na casa. - falou César.

- Não está obvio, esse antigo dono não conseguiu se vingar da esposa, então ficou preso aqui até... - Daniel voltou a ler o papel - o próximo chegar.

-Quem é esse próximo? - perguntou Vivi.

- O próximo andante eu acho, seja lá o que isso for.

- Você acha que realmente tem um fantasma na casa? - A garota disse assustada.

- É claro que não, esses vizinhos só devem estar tentando pregar uma peça no Daniel. - César resmungou, olhando bravo para o irmão.

- Eu só contei o que eu ouvi - o ruivo se defendeu- Cuidado se ouvir passos na frente da sua porta, César.

- Eu não sei se vou conseguir dormir à noite - Vivi disse, abraçando seus joelhos.

- Está tudo bem, se sentir medo pode ir dormir comigo. - César disse, segurando o pulso de sua irmã.

No topo da escadaria, a porta foi aberta com um estrondo, lá em cima, uma mulher morena coberta por pintas segurava a maçaneta com uma expressão zangada. Rafaela - a mãe das crianças - soltou um longo suspiro e começou a descer os degraus de cimento.

- O que vocês três estão fazendo aqui a esta hora da noite?

-Desculpa, mãe, a gente só queria ver o que tinha no porão - Viviane disse.

-Está tudo bem, minha filha, mas vocês poderiam ter esperado até amanhã.



César soltou o ar que nem sabia que estava prendendo, e sentiu seus músculos relaxarem.

- De quem foi a ideia? - A mulher continuou a falar fazendo o corpo do garoto paralisar novamente.

Os três permaneceram em silêncio.

-César, foi você?

O menino ficou surpreso com a acusação da mãe, mas mentiria se dissesse que era a primeira vez.

- Fui eu, mãe, encontrei este lugar de tarde e achei que seria legal vir aqui de madrugada - disse Daniel, lançando um olhar de pena para o irmão.

-Eu não quero ver mais nenhum de vocês dois tirando a irmã de vocês da cama. - A mulher agarrou o pulso de Vivi e subiu as escadas novamente- E da próxima vez que algo assim acontecer eu vou te colocar de castigo, Daniel.

As três crianças voltaram para seus devidos quartos. César fechou a porta e puxou os lençóis finos até se cobrir por inteiro. Sua mente não conseguia esquecer as rudes palavras de sua mãe: a primeira pessoa que ela culpou foi ele. O menino adormeceu com finas lágrimas escorrendo pelo seu rosto, e os devaneios sobre um dia ser o filho preferido.

Os lindos sonhos do garoto foram interrompidos por passos altos em frente à sua porta. Pensou que Viviane poderia ter tido um pesadelo, então se levantou e abriu a maçaneta para se dar de cara com o corredor vazio, os passos continuavam e iam em direção às escadas. Aquele barulho intrigou César, mas deduziu que aquilo era só uma pegadinha do irmão.

-Daniel, você está aqui? Não adianta tentar, eu não vou ficar com medo.





O som parou de repente, o garoto pensou que seu irmão iria sair das sombras, mas na verdade a coisa simplesmente continuou caminhando na escuridão.

E aqueles passos pareciam ser muito altos para ser de Daniel. César fechou a porta de seu quarto e começou a caminhar pelo corredor, tentando descobrir quem estava causando os barulhos.

Ele não acreditava nas historinhas de Daniel, por isso não temia. Ele desceu até a sala e observou o ambiente. Tudo ao seu redor estava escuro, só conseguia discernir algumas figuras em meio às sombras. Arrependeu-se de não ter levado uma lanterna. Ele começou a escutar os passos novamente, primeiro estavam distantes e depois foram se aproximando.

O garoto analisou atentamente o som. Com certeza não eram de seu irmão. Ele conhecia os passos dele. César se escondeu atrás de uma pilastra para que a coisa não o visse.

Ao seu lado uma figura passou, ela não parecia notar a presença de César. Ele não conseguia distinguir quem era no meio da escuridão, mas viu que a forma possuía cabelos longos e pretos.

Ele ficou aliviado em ver aquilo, deduziu que o causador dos barulhos era a sua mãe. Então com tranquilidade ele voltou para o seu quarto e se deitou novamente.

Durante o resto da noite, ele não escutou mais os passos, conseguiu ingressar em um sono tranquilo até sentir os raios quentes do sol baterem em seu rosto.

César levantou de sua cama vendo que a manhã havia chegado. Observou atentamente as paredes velhas cobertas por teias de aranha. Ele sentia falta de sua antiga casa, onde possuía um quarto maior e menos empoeirado.





Todo aquele lugar apresentava uma aura sombria e infeliz, não se parecia com um lar. Ao ponto de que a vizinhança inventou histórias sobre a casa ser assombrada.

Walker desceu as escadas até chegar na sala. Nela ele viu apenas sua mãe sentada no sofá. Era cedo demais para seus irmãos estarem acordados, e seu pai quase nunca estava em casa. Ele saía cedo pela manhã e voltava tarde da noite. O menino caminhou até Rafaela e se sentou na poltrona ao lado.

- Bom dia, mãe.

- Bom dia, César. Está gostando da nova casa?

- Não, esse lugar é horrível, meu quarto cheira a antiguidade, e toda essa casa parece estar caindo aos pedaços. Podemos voltar ao nosso antigo apartamento?

- César, acabamos de chegar nesta casa, não podemos simplesmente voltar. Mudanças podem ser complicadas, mas eu juro que você vai se acostumar meu filho. - Rafaela passou os dedos pelos cabelos de César, fazendo um leve carinho.

O menino sentiu o contato da mão quente em sua pele. Por alguns segundos ele anseia por mais, queria que sua mãe demonstrasse mais afeto daquela maneira.

Descendo as escadas rapidamente, Daniel correu até César com um sorriso no rosto. Atrás dele, Vivi cruzava até a sala.

-Bom dia, crianças- Rafaela disse quando viu os dois.

-Bom dia, mãe - Daniel respondeu.

O ruivo pegou o braço de César e o levou rapidamente para outra sala, onde foi brevemente interrogado pelos dois irmãos.

- Você ouviu? Os passos ontem à noite? – perguntou Dani.

- Sim, eu escutei, saí do meu quarto para ver o que era.



- 
- 
- Você saiu do seu quarto? – indagou Viviane.
 - Sim, saí, caminhei por toda a sala tentando achar quem estava causando o barulho, e adivinha, não tinha nenhum fantasma, era só a mãe.
 - Você está doido? Escutou passos no corredor e foi ver o que era sozinho. Não tem medo de morrer não? – perguntou Daniel.
 - Tem certeza de que era a mãe no corredor? O barulho era bem alto - disse Vivi.
 - Sim, eu tenho certeza, não dava para ver muito bem no escuro, mas eu reconheci os cabelos dela.
 - Mas e se você estiver enganado, e se for um fantasma de verdade? - A ruiva perguntou.
 - Então vamos ter que lidar com ele porque a mãe não quer ir embora.

Vivi lhe lançou um olhar assustado e correu até a sala. Já Daniel o encarava com uma expressão confusa.

- 
- 
- Realmente acha que foi nossa mãe caminhando? – O ruivo perguntou.
 - Acho, mas se quiser continuar assustando a Vivi fica à vontade, eu só quero sair desta casa.
 - Eu não estou assustando ela, só contei o que ouvi pela vizinhança.
 - Então diz isso para a nossa mãe, porque eu acho que a Vivi está contando algo sobre histórias de fantasmas para ela.

Daniel virou sua cabeça em direção a sala e viu a irmã mais nova no colo da mãe, contando-lhe sobre a lenda do antigo dono.

- Acho que você não vai ver aqueles vizinhos hoje, Dani.
- 



César passou o resto do dia tentando conversar com Rafaela, mas ela estava ocupada demais dando atenção para Vivi. Daniel ficou o dia de castigo por ter assustado a irmã com historinhas. Teve de ficar a tarde inteira em seu quarto. E mesmo que fosse mandado a não fazer isso, o garoto foi falar com ele. César saiu de seu quarto silenciosamente e foi até o de Daniel, abriu a porta o mais lentamente possível e entrou antes que alguém o visse.

- Oi, Dani, você está bem?

- Não.

O menino estava deitado em sua cama de barriga para cima, jogando para o alto o que parecia ser uma bolinha de gude. Seu rosto estava um pouco vermelho e os olhos inchados. Como se ele tivesse chorado.

- Chateado por que não conseguiu ver seus novos amigos? – perguntou César.

- Sim, eu estou, ela me pediu para fazer novos amigos, e quando eu finalmente consigo ela me proíbe de vê-los.

- Fica calmo, é só por um dia. E depois você tem que me apresentar a esses vizinhos.

- É melhor não, eles não iriam gostar de ti, você é tão amargo.

César revirou os olhos e se sentou no final da cama do irmão.

-A mãe vai te colocar de castigo se te vir aqui- disse Daniel.

-Está tudo bem, eu já estou de saída.

-Queria que ela gostasse da gente.

-Ela gosta, só gosta da Vivi muito mais - o garoto se levantou e caminhou em direção à porta e lentamente a abriu.

- Daniel, se você ficar andando na frente da minha porta para me assustar, eu faço tu ficar de castigo de novo.





O garoto bateu a porta antes que seu irmão tivesse chance de responder. Mas, apesar da correria do dia, ele teve uma ótima noite de sono, sem passos ou barulhos. Dormiu assim que encostou a cabeça no travesseiro.

No período da manhã, o moreno se levantou mais tarde do que o costume. Vestiu-se e caminhou em direção à cozinha para tomar café.

Quando chegou no local viu a mesma cena de seu cotidiano. Seu pai não estava em casa, já havia saído para trabalhar. Sua mãe brigava com Daniel por ele estar comendo rápido demais, o garoto estava com os cabelos completamente embaraçados e leves olheiras sobre os olhos. Mas, Viviane estava pior. A pele se assimilava a papel, e os olhos estavam estáticos na tigela de cereal.

César caminhou até a mesa e se sentou entre os irmãos. O ruivo bagunçou os fios negros do cabelo de César, enquanto Vivi continuava a comer de maneira robótica. Ele se serviu com dois ovos que estavam na mesa. Quando terminou de comer, Viviane agarrou seu pulso e o levou até o centro da sala. A garota parecia nervosa e assustada. Tentou soltar algumas frases, mas ela gaguejava enquanto falava.

-O....ontem à noite, eu escutei os passos, e assim como você fez, eu fui até o corredor para ver o que era.

- Passos, como assim passos?

-Sim, os passos do fantasma, não escutou nada?

-Não, eu dormi a noite toda.

-Bem, eu escutei, e quando fui ver o que era me dei de cara com o fantasma do antigo dono. Ele era horrível, a única coisa que eu me lembro, era do rosto magro e do cabelo comprido. Ele me contou uma história, disse que anos atrás a mulher dele o matou





para ficar com o dinheiro dele. Mas, a casa não gostou disso e lhe deu o poder de andar de novo, para que ele pudesse ter sua vingança, mas ele não conseguiu, então ficou preso. Também me falou que não vai nos incomodar mais.

-Tem certeza de que só não estava sonhando, deve estar pensando demais nesse assunto - disse César.

-Não ouviu o que eu acabei de te dizer? Eu falei com o fantasma.

-Vivi, não tem nenhum fantasma. Olha para o seu estado, você provavelmente só estava alucinando- O garoto saía em direção ao seu quarto, farto de conversas sobre fantasmas. Mas, Viviane gritou algo antes que ele pudesse sair.

-Ah, César, ele me disse que escreveu aquele bilhete anos atrás. Para você. Me disse que sente que um de nós vai se tornar o próximo andante, ele acha que é você.

O garoto ignorou o que sua irmã dizia e caminhou até o quarto de Daniel. Ele abriu a porta sem bater e agarrou o pulso do irmão assim que o viu.

-Andou contando mais alguma de suas lendas para a Vivi? Porque agora ela está com medo.

-O que é? Claro que não. Se a mãe achasse que eu estou assustando a garotinha de ouro dela de novo, eu iria ficar de castigo para o resto da minha vida.

-Não, cara, isso é bom, se ela ficar assustada vai pedir para ir embora daqui. Aí não precisaremos mais ter que morar neste lugar decadente.

-Eu até gosto desta casa.

-Qual a vantagem de ter uma casa que parece ter saído de três séculos atrás?



- Eu não vou assustá-la de jeito nenhum. Se nossos pais descobrirem, sobra para mim.

- Então eu vou ter de fazer isso sozinho, mas não conta para a mãe.

O ruivo deu uma leve risada e disse em um tom irônico.

- De que adianta, ela não iria tirar os olhos de Vivi para prestar atenção em mim.

César saiu do quarto de seu irmão e desceu as escadas para se dar de cara com a cena de Vivi sendo abraçada por sua mãe, enquanto lhe contava alguma coisa sobre ter escutado barulhos a noite.

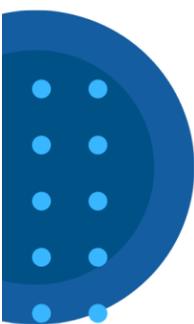
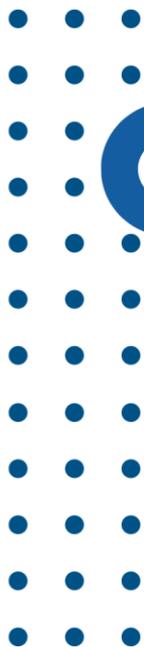
Ele entendia perfeitamente o que Daniel queria dizer, se o garoto quisesse ir embora daquela casa, o pedido teria que vir de Viviane. Assim todas as noites, César saía de seu quarto e caminhava pelo corredor, principalmente na frente do quarto da Vivi.

Seu irmão sabia o que ele estava fazendo, mas não o ajudava. Não demorou muito para sua mãe lhes dar a notícia de que iriam se mudar novamente porque a garotinha dela não conseguia dormir.

Mas, mesmo depois de voltarem ao seu antigo apartamento, as coisas continuavam as mesmas. Seu pai nunca estava em casa e Rafaela só conseguia ter olhos para Vivi.

Daniel demonstrava estar mais incomodado com isso, já que passava o dia todo no quarto do moreno falando como sua mãe era irresponsável. E depois de tudo aquilo César não espera ver a casa “assombrada” novamente.

Mesmo dez anos depois, a má sorte ainda acompanhava a família Walker. O homem de cabelos pretos se encontrava sentado no sofá de sua casa enquanto assistia sua mãe chorar, cobrindo o rosto com as mãos. Pela primeira vez seu pai demonstrava algum





sentimento sem ser indiferença. Seus olhos estavam marejados e sua expressão era abatida.

Todos esperavam Daniel chegar em casa, se perguntando se ele teria alguma notícia sobre o desaparecimento de Viviane. Depois de aproximadamente cinco minutos, a família escutou o som da porta ser aberta no cômodo ao lado.

Um homem de mais ou menos vinte e quatro anos apareceu na sala. Ele possuía olhos claros e uma expressão vazia, cabelo ruivo raspado e usava uma camiseta cinza. Ele caminhou até os seus pais e lhes lançou um olhar frio.

- Eu falei com os policiais, eles não fazem ideia de onde ela poderia estar.

Rafaela começou a chorar mais ao ouvir a frase. Vendo o desespero de sua mãe, César caminhou até ela, segurou sua mão e colocou a sua em seu rosto.

- Eu sei que essa situação é horrível, mas nós somos seus filhos e vamos te ajudar a passar por isso.

O moreno sentiu uma fina lágrima escorrer por sua face enquanto olhava para o rosto de sua mãe. Já Daniel os observava com uma expressão confusa, como se não acreditasse nas palavras do irmão. Fabricio caminhou até os dois e gentilmente colocou a mão na testa de Rafaela.

- Amor, você está muito quente, deve estar com febre.

- Você deveria descansar, mãe. Os dois deveriam - César disse- eu e o Dani vamos ficar de olho caso alguém tenha alguma notícia.

Mesmo abalados, o casal se retirou da sala e se dirigiu até seus quartos, deixando os dois irmãos sozinhos na sala.





- A mãe está muito preocupada com a Vivi, no momento ela não tem condição nem de pensar direito- o ruivo disse sem olhar no rosto de César.

- Dá um tempo para ela. Tá legal, nossa irmã acabou de desaparecer, não tem pena de uma senhora enferma?

- Não se a senhora for a nossa mãe.

- Você sempre foi muito rígido com ela.

- Eu sempre tive motivos para ser.

Os dois não falaram nada pelos dois minutos seguintes, sentindo apenas o clima pesado que se estabeleceu na sala.

- César?

- Sim?

- Já faz duas semanas que ela desapareceu, sabe que ela já deve estar morta a esse ponto. Certo?

- Eu tento não pensar nisso, mas eu sei que sim.

- Eu me pergunto por qual motivo alguém faria isso com ela. - Daniel diz olhando para cima como se tentasse controlar que lágrimas escorressem pelo seu rosto.

- Eu não sei, mas seja quem for tem de pagar por isso, mas antes precisamos achar o corpo dela. Um funeral digno é o mínimo que ela merece.

-Eu realmente queria conversar com você sobre isso, eu tenho uma ideia sobre onde ela possa estar.

- Sério? Mas a polícia já revisou esta cidade inteira.

- Tem uma casa que eles não revisaram.

Daniel olhou para o irmão com uma expressão curiosa, como se esperasse que ele completasse a frase.



- Espera, você tá falando da casa “assombrada”? - César disse fazendo o sinal de aspas com os dedos.

- Aquele seria um lugar perfeito para esconder um corpo, abandonado, longe, além de que não tem vigilância nenhuma.

- Por que não pedimos para a polícia ir lá então?

- Não acho que eles vão atender ao nosso pedido, nós poderíamos ir lá ver se tem alguma coisa. Se tiver aí chamamos a polícia.

- Eu não vou, de jeito nenhum.

- Por que não?

- Acha mesmo que eu vou sair pela cidade em busca do corpo da minha irmã? - César disse aumentando o tom de voz.

- Não vamos procurar pela cidade toda, só em um lugar. É por ela que estamos fazendo isso. Não se importa com a sua irmã por acaso?

- Claro que me importo, eu só não quero ir até aquela casa de novo.

- O que foi? Tá com medo de fantasmas?

- Eu já te disse que não acredito nessas coisas. Mas eu não gosto da atmosfera daquele lugar.

- Nós só vamos dar uma olhada rápida, logo voltamos pra casa.

César respirou fundo, sem acreditar que foi convencido pelo irmão.

- Tudo bem, mas só para tirar um lugar da lista.

Os dois irmãos caminharam até o carro de Daniel, que era um antigo que pertencera ao pai deles. Mas, quando ele decidiu comprar um novo, deu esse ao seu filho mais velho.



A casa assombrada ficava em um bairro afastado do centro da cidade, o que seria mais ou menos vinte minutos de distância. Durante todo o trajeto, César olhava as ruas passarem pela janela. Ele estava nervoso, mais que o normal nas últimas semanas. Tinha medo de encontrarem o corpo de Vivi, não sabia se Daniel teria estômago para ver uma cena como essa, seu irmão sempre foi mais sensível que ele.

O ruivo olhava para a estrada com um olhar extremamente sério. Ele costuma ser o mais descontráido dos três, o mais alegre. César não teve muitos amigos durante a infância, mas seu irmão sempre lhe fazia companhia nos dias mais solitários. Doía ver Daniel tão triste, mas com certeza ele iria voltar a ser quem era antes do sumiço de Viviane.

O carro parou de repente com Dani pisando o pé no freio. O moreno percebeu que eles haviam chegado na maldita casa. Os dois desceram do veículo e ficaram de frente para a construção.

- Este lugar está pior do que na última vez que eu vim. - falou César.

- Os anos não fizeram bem para este lugar- completou Daniel.

Eles caminharam calmamente até a portão de entrada que estava aberto.

O moreno sentia os pelos do seu corpo se arrepiarem à medida que os dois entravam.

Passaram pelo salão de entrada e foram até a sala de estar. Tudo continuava do mesmo jeito que eles deixaram quando saíram. Apenas um pouco mais empoeirado. Mas, os móveis e os tapetes continuavam no mesmo lugar.

César soltou um longo suspiro, cheirou o ar do ambiente falso endiabrado e continuou à procura. Olhou atentamente a longa sala, chegando até mesmo a revisar as janelas.





- Ei, Dani, se lembra daqueles vizinhos que você costumava conversar? – perguntou César, observando as casas coloridas pelo lado de fora da vidraça.

- Lembro, por quê?

- Acho que eles se mudaram, o terreno do lado está vazio.

- Devem ter se incomodado com seus passos à noite, eu não conseguia dormir desde o dia que a gente chegou.

- Segundo aqueles fofoqueiros, eles já escutavam passos todas as noites.

Um silêncio ensurdecedor se fez presente na sala. César, cansado de procurar, caminhou calmamente em direção ao ruído que olhava fixamente para o teto.

- Eu sinto saudade da Vivi – Daniel disse, sem olhar no rosto do moreno.

- Eu também sinto, mas uma hora você vai ter que aceitar que ela se foi.

- Pelo menos eu quero encontrar o corpo dela, mas eu não vou procurar naquele lugar. - Daniel apontou para um canto escuro da sala, perto do corredor do porão- e acho que você também não vai querer.

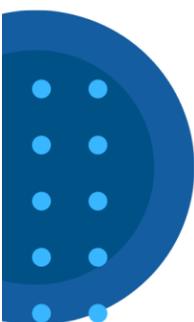
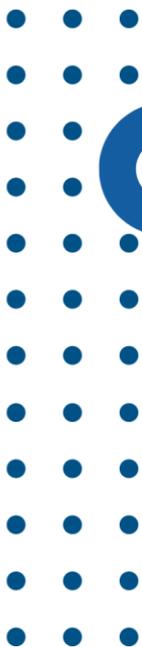
- O que foi? Acha que eu tenho medo do escuro? – perguntou César.

- Você dormiu com a luz acesa até os sete anos, e ainda diz que não acredita em fantasmas.

- Eu era uma criança.

- Eu também, mas já conseguia dormir com as luzes apagadas.

Um sorriso estampava o rosto de Daniel, o irmão não o viu sorrir desde que Vivi desapareceu. Mas, quando ele virou seu rosto para





o de César, sua feição ficou séria, como se ele se lembrasse de onde eles estavam.

- Por que você não procura perto do porão e eu vou ver lá em cima? – O ruivo perguntou já se dirigindo para o segundo andar.

O moreno caminhou silenciosamente até a parte escura da construção enquanto ouvia o som dos passos de Daniel subindo as escadas. Tudo naquele ambiente emanava trevas, o coração de César batia rapidamente e o deixava ofegante.

Ele observou o corredor que levava até o porão, foi até o final dele e tocou na maçaneta da porta de entrada para o subsolo. Mas não a abriu. O homem escutou o som de algo caminhando nas outras bifurcações do corredor.

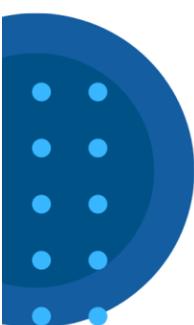
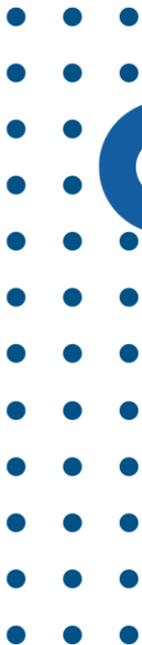
Seu corpo ficou paralisado, não era possível que as lendas sobre aquela casa fossem verdade. Ele calmamente se virou para trás, tentando ver quem estava produzindo o barulho, para se dar de cara com Daniel segurando uma faca. Então César entendeu a razão de seu irmão ter o levado até lá.

O homem correu pelo corredor tentando escapar de quem o perseguia. Vendo que estava encurralado, abriu a porta do porão. Mas antes que pudesse descer, algo o jogou escadas abaixo, fazendo-o cair no chão empoeirado.

Quando ele olhou para o ambiente ao seu redor, notou que havia uma mulher parada no canto da sala. Seu rosto estava decrépito e o vestido floral que usava estava sujo de sangue que saía de um corte fundo feito em seu pescoço. Mesmo depois de morta, Viviane ainda estava de pé.

- Por que você fez isso? Por que matou sua própria irmã? Daniel perguntou do topo da escada.

- Como você sabia? – César disse ainda atordoado pela queda.





- Eu contei a ele - Vivi respondeu dando alguns passos em direção ao seu assassino - Ele veio me procurar aqui depois do meu desaparecimento. E eu lhe contei tudo o que você fez.

-Daniel, irmão, você deveria estar do meu lado, durante toda a nossa vida estávamos sobre a sombra dela. Como você mesmo disse, mamãe só tem olhos para a garotinha de ouro dela. Agora que ela se foi, eu e você podemos ser algo para essa família. Não entende isso?

Daniel olhou para o seu irmão com puro ódio, não conseguia acreditar que ele pensava dessa forma.

- Irmão! – Chamou César.

- Você não é mais meu irmão, a culpa nunca foi dela, como pôde fazer algo assim? – Lágrimas começaram a escorrer do rosto de Daniel ao ver no que seu irmão mais novo havia se tornado - Esconder o corpo dela aqui foi o seu maior erro, deveria ter acreditado nas histórias, César.

O ruivo desceu as escadas correndo em direção ao seu irmão. Ele podia ser maior e mais forte, mas César era mais rápido.

O moreno pulou sobre as caixas de papelão tentando achar uma saída, mas acabou levando um soco de Daniel e sendo jogado novamente no chão.

O mais velho empunhou sua faca e começou a caminhar até ele, mas foi impedido por Vivi que colocou a palma em seu peito e tomou a lâmina de sua mão.

-Essa luta é minha, eu tenho que matá-lo.

Vivi correu até César com a faca em punho. Tentou acertar seu braço, mas o moreno desviou. Ele segurou o pulso de sua irmã e tentou derrubá-la. Os dois acabaram caindo sobre algumas caixas vazias.



Daniel observava a cena sem intervir, mas bloqueava a porta caso seu irmão tentasse sair correndo.

A ruiva se levantou primeiro e correu para cima do moreno antes que ele tivesse a chance de ficar de pé.

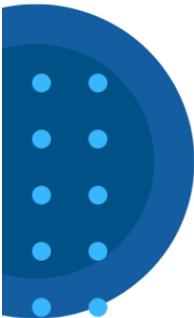
Com um movimento certo ela cortou a bochecha do mais velho. Vivi caiu em cima do corpo dele e tentou enfiar a faca em sua garganta.

César segurou as mãos da irmã, tremendo por ter uma lâmina a centímetros de seu pescoço. Como um reflexo, o moreno usou seu joelho para acertar um golpe no centro do abdômen da garota, jogando ela e a lâmina para longe de si.

Daniel não conseguia mais ficar parado vendo sua irmã perder, ele correu até a faca e a tirou do chão.

Ao contrário das tentativas falhas de Vivi, o ruivo cravou a arma na barriga de César. Aproveitou que o irmão estava fraco e o jogou no chão para perfurá-lo outra vez, gritando demasiadamente.

O sangue jorrava sem parar do corpo de César à medida que os golpes de Daniel ficavam mais fundos. Ele estava tomado pela raiva e amargura, só parou quando seus braços começaram a doer.



O ruivo olhou para suas mãos cobertas de sangue depois para o rosto sem vida de seu irmão. Ele se sentia enjoado ao assistir a uma cena tão intensa. Seu coração batia de forma frenética e sua respiração estava desregulada. Lágrimas começavam a escorrer de seu rosto, não conseguia acreditar que havia assassinado alguém, e esse alguém era seu irmão.

Viviane o olhava com uma feição apavorada. Daniel tentou caminhar até ela, mas a garota deu um passo para trás.





- Daniel, a casa não escolhe lados, ele... - Foi tudo que ela conseguiu dizer antes que seu corpo caísse imóvel no chão. A andante havia concluído sua vingança. Viviane havia morrido.

O homem observou os cadáveres dos irmãos jogados naquele piso empoeirado, coberto pelo sangue. Ele soltou um longo suspiro e se virou em direção à saída até ouvir passos= atrás dele.

César se levantou e começou a caminhar de novo mesmo com o peito completamente aberto e jorrando. Ele correu até Daniel e o abraçou pelas costas envolvendo seus braços em seu pescoço.

O moreno não era forte o suficiente para enforcar o irmão. Então ele cambaleou até onde Daniel havia largado a faca, soltou uma das mãos do pescoço do irmão e a usou para alcançar a lâmina.

O ruivo se debatia tentando escapar do aperto de César. Mas, antes que o fizesse, o moreno fincou a faca no meio de seu peito. Ele virou o Daniel em sua direção e olhou em seu rosto, com uma expressão que misturava tristeza e arrependimento.

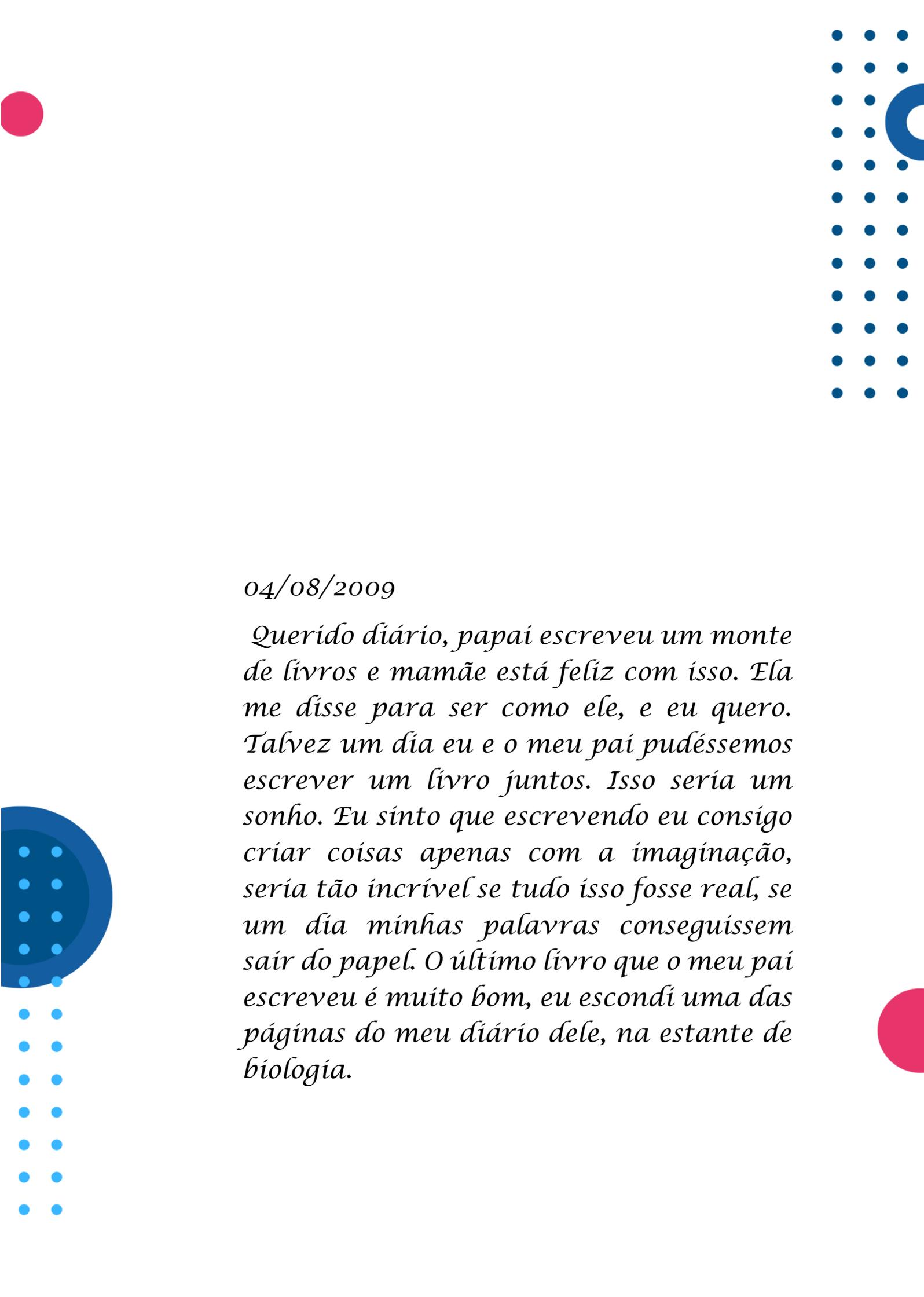
O ruivo olhava para o rosto de César, ele não via o assassino, mas a criança solitária que ele costumava amar. Ele o abraçou, e os dois corpos caíram no chão.

O mais velho sentia sua vida esvaindo aos poucos. Ele observou de perto o corpo de César imóvel abraçado ao seu e o de Vivi no fundo. Os dois começaram a emitir um brilho fraco, e aos poucos virar faíscas se decompondo no ar. Daniel assistiu à cena. Percebendo que estava sendo deixado para se decompor sozinho naquele ambiente hediondo.

- Não me deixem... - Foi a última coisa que conseguiu dizer antes do sangue inundar a sua boca e seu corpo parar de respirar.

Elas estão observando.





04/08/2009

Querido diário, papai escreveu um monte de livros e mamãe está feliz com isso. Ela me disse para ser como ele, e eu quero. Talvez um dia eu e o meu pai pudéssemos escrever um livro juntos. Isso seria um sonho. Eu sinto que escrevendo eu consigo criar coisas apenas com a imaginação, seria tão incrível se tudo isso fosse real, se um dia minhas palavras conseguissem sair do papel. O último livro que o meu pai escreveu é muito bom, eu escondi uma das páginas do meu diário dele, na estante de biologia.



Interferência



Apesar do barco de Tobias estar cheio, ele esperou até o pôr do sol para sair do mar.

A visão do céu alaranjado, tampado pela espessa neblina enquanto estava à deriva era a melhor parte de seu dia.

O pescador remou até a costa, retirou os peixes de seu barco e caminhou até a sua cabana. Era uma pequena casa de madeira à beira mar, mas era aconchegante. Os cômodos eram bem apertados, na casa havia dois quartos. Um estava vazio, e o outro era onde Tobias dormia.

O quarto dele não possuía decorações. Apenas uma cama velha e um computador antigo em cima de sua bancada. Mas, fazia anos que ele não precisava usá-lo.

A sala de estar e a cozinha não tinham separação, ambas utilizavam a mesma mesa.



O homem se sentou em seu sofá, cansado depois de trabalhar por horas, ligou a televisão e colocou no canal de notícias. Não havia muita coisa para se fazer sozinho à noite. Esse era um dos motivos pelo qual Tobias ia para a cama cedo. Ele tem duas filhas, mas ambas se mudaram para seguir suas vidas, então ele se tornou solitário quando sua esposa desapareceu. O que foi uma grande infelicidade para um senhor tão comunicativo, fazendo com que sua maior companhia fossem as águas.



Ele estava quase pegando no sono quando notou que sua televisão emitia um barulho estranho, a tela piscava fortemente e o aparelho chiava. O pescador se levantou, intrigado com o que via. Ele mexeu na antena na esperança de resolver o problema, mas o som só aumentava, ao ponto de ter que cobrir os ouvidos





com suas mãos. Até que, de repente, a TV se desligou. Tobias tentou ligá-la novamente, mas não conseguiu, então resolveu que dormiria mais cedo.

O homem acordou antes mesmo do sol raiar, levou o seu barco até a água para realizar sua rotina de pesca.

A interferência da televisão na noite passada ainda se fazia presente dos pensamentos do idoso. O aparelho era antigo, mas estava longe de estragar.

Essa situação o lembrava de uma velha lenda que seu pai lhe contava: nela dizia que uma vez a cada cinco anos, uma força sobrenatural escolhe uma pessoa. Ela começaria a receber chamados ocultos e, se ela atendesse, se transformaria em uma Dádiva. Seres que se comunicam pelos aparelhos eletrônicos, causando interferências para afirmar sua presença.

Tobias se lembra que toda vez que as luzes piscavam, sua mãe repetia a frase "eu recuso o chamado" que, segundo ela, afastava impurezas. Alguns diziam que ser chamado era um presente, mas para o homem era uma maldição.

Assim que o dia chegou ao fim, ele remou novamente até a margem e descarregou os pescados na parte de trás da sua casa.

Tobias subiu pelos degraus de madeira, até chegar no interior da cabana. O lugar não era muito grande, a cozinha e a sala eram interligadas e havia apenas mais dois quartos e um deles estava vazio.

O idoso pegou uma cadeira da mesa de centro e sentou, apenas esperando que algo acontecesse. Não haviam se passado nem dois minutos, quando o rádio começou a emitir ruídos agudos.

O homem se concentrou no barulho por alguns minutos, até ouvir o som do seu computador ser ligado dentro do quarto. Ele caminhou até lá cautelosamente. A tela do aparelho exibia a





imagem de seu e-mail aberto, e havia uma nova mensagem. Quando tentou ver quem a enviou, ele não conseguia ler, sua visão embaçava quando tentava. Mas o que mais o assuntou era o que estava escrito logo abaixo.

Olá, eu estou te chamando.

Eu, se lembra.

Seu amor.

Venha comigo.

Me salve.

Me salve.

Responda ao chamado.

Isso é um presente.

Me salve.

Tobias responda ao chamado.

Aceite isso.

Me reencontre.

Meu amor por favor.

Responda ao chamado das trevas.

Isso é uma dádiva.

Eu sou o chamado.

Célia.

Lágrimas escorreram de seu rosto quando leu o nome de sua esposa. Há muito tempo ele desconfiava que ela havia sido levada, mas ter a confirmação disso era como um soco no estômago.

O homem caminhou em direção ao rádio posto em cima da mesa de centro, e se sentou na cadeira novamente.





- Célia? -Ele diz com a voz baixa carregada de mágoa.

Silêncio, nada responde.

- Célia, eu te salvo!

Os chiados do aparelho mudaram, agora emitindo o som das ondas. Naquele momento ele já sabia o que fazer.

Caminhou até o seu quarto e pegou uma espingarda que guardava debaixo da cama junto de um machado que escondia dentro do armário. Ele colocou as duas armas dentro do barco de madeira e começou a remar para longe da orla. A noite estava gelada e a lua brigava fortemente no céu coberto de estrelas, as corujas cantavam na copa das árvores junto dos besouros. O luar estava tão calmo, tão bonito. Mas, Tobias sabia que o pior estava por vir. Ainda se lembra perfeitamente do dia em que ela desapareceu.

Durante toda a semana os aparelhos eletrônicos começaram a queimar, e temperamento de Célia havia mudado, tornou-se mais reservada e distante. Até que, em uma manhã, quando o homem acordou, ela não estava mais lá. O mundo dele desabou, sentiu-se abandonado, sem saber o que fazer, foi obrigado a passar o resto de seus dias pescando sozinho sem a companhia de sua amada.

Tobias Marino estava à deriva no meio das águas salgadas, esperando que ela viesse. Pegou a arma de fogo e colocou em seu colo. Aos poucos, o ar a sua frente começou a ficar agitado, e uma criatura apareceu em sua frente.

Ela era humanoide, mas a aparência era horrenda. A pele preta e enrugada, como uma sombra do que um dia foi uma pessoa. Veias verdes corriam pelo seu corpo e a boca era como uma fenda carregada no meio de sua face. Mas os olhos eram azuis, azuis como o céu, azuis como o mar, como as escamas dos peixes que pescava, como as flores de lírios. Azuis como os de Célia.

- O que você quer? - Tobias perguntou.



- 
- Eu vim te chamar.
 - Célia, o que ouve com você?
 - Eu respondi ao chamado, eu fui escolhida.
 - Eu só te quero de volta - o homem choramingou.
 - Mas, meu amor, eu estou aqui, venha comigo - Célia diz com uma voz irreal, aquilo não era humano.
 - Você não é minha mulher.
 - Eu sou sua dádiva - a criatura diz enquanto coloca as mãos geladas gentilmente no rosto do homem.

Tobias pegou a arma e apontou para o rosto da besta, para o rosto da mãe de suas filhas, para o amor de sua vida, para os olhos que tanto amava.

- Você não é uma dádiva, é só um demônio.

Ele atirou, sentindo o peso do disparo ser descontado em seu ombro. A criatura gritou de dor enquanto caía para trás. Tobias se preparou para dar outro tiro, mas Célia agarrou o cano da espingarda e a jogou para longe. O homem pegou o machado na parte de trás do barco e deu um golpe certo, cortando os pulsos da besta. O sangue que jorrou era vermelho, o que fez Marino entrar em estado de choque por alguns segundos. Tempo o suficiente para Célia pular em cima dele e derrubar os dois do barco.

Os corpos dos dois afundaram rapidamente, e como um reflexo, Tobias envolveu o pescoço dela em um mata-leão. Apertou com toda a força que tinha, assistindo ao ar de Célia esvair de seus pulmões. Ela não conseguia reagir, já que seus pulsos estavam cortados. Aos poucos o corpo dela parou de se contorcer, e em seus olhos não havia mais vida.



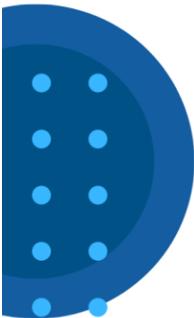
Tobias observou aquele rosto retorcido uma última vez, e deixou que ela afundasse no mar, levando consigo todas as memórias de um velho casal.

O homem usou toda a força que lhe restava para nadar até a superfície. Ele havia recusado o chamado.

Elas estão observando.

10/08/2009

Querido diário, eu acho que algo aconteceu com o papai, ele está estranho, tem brigado com a mamãe, e também me disse para parar de escrever e que sonho de nos tornarmos escritores nunca iria se tornar realidade. Eu chorei quando ele disse isso. As coisas estão estranhas, eu não sei o que vai acontecer. Eu estou com medo.





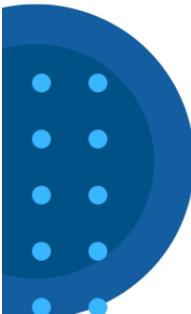
As cinco flores de sangue



Cinco jovens de aproximadamente vinte anos decidiram que era uma boa ideia passar uma semana em uma cabana no meio da floresta.

Cristina e seus amigos descobriram um chalé para alugar, perto da cidade onde moravam. Funcionava como um pequeno esquema de férias, os hóspedes reservavam uma quantidade de noites, e depois das diárias acabarem, a cabana passaria por uma faxina para ser alugada novamente. O grupo programou sete dias para passarem nesse chalé.

Tina estava no banco de trás do carro, revisando a lista de compras para ter certeza de que não se esqueceriam de nada. Eles levariam principalmente alimentos não perecíveis e ingredientes para cozinhar. Mas, ela sabia que não conseguiriam levar alimentos o suficiente para que cinco pessoas comessem por uma semana. Então resolveram fazer outra visita ao supermercado quando a comida ficasse escassa.



Cristina sentiu o carro parar, e o motorista, Oliver Nascimento, anunciou a primeira parada. O garoto possuía cabelos castanhos que batiam em seus ombros. Usava uma camiseta comprida, listrada, e outra camisa preta de manga curta por cima, além de um gorro vermelho na cabeça. Seus olhos eram pretos e ele tinha uma pinta característica no queixo.



Os cinco amigos saíram do carro e se depararam com um pequeno supermercado à beira da estrada. Aquilo era algo incomum de se ver, mas provavelmente foi posto ali para quem estivesse alugando a cabana, assim os hóspedes teriam um lugar próximo para comprar os recursos necessários.



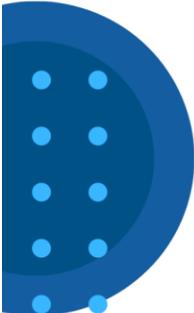


Todos se separaram uns dos outros quando entraram no estabelecimento. Nicolas estava com a cara amassada porque ficou dormindo durante toda a viagem, seus longos cabelos pretos estavam presos em um coque escabelado. Já Eduardo Vieira saiu correndo assim que desceu do carro, ele pegou na mão de Oliver e o arrastou por todas as prateleiras.

A única que acompanhou Cristina foi a Laura. A garota era baixa, loira e usava óculos redondos, seus olhos eram cor de âmbar, e ela vestia calça jeans e uma camisa bege. As duas analisaram a lista e colocaram todos os itens dentro do carrinho até enchê-lo.

Elas rodaram o supermercado em busca dos garotos, mas o grupo não conseguia se encontrar, o que resultou em uma gritaria entre os corredores até acharem o caixa. As meninas tentaram comprar alimentos saudáveis, mas tudo foi em vão quando Eduardo chegou e largou uma pilha de balas de goma no carrinho, logo depois empurrando-o até o caixa.

O atendente passou os produtos com um sorriso enorme no rosto, incomum para quem trabalha em um supermercado à beira da estrada às sete da manhã. Ele possuía a pele parda e cabelo afro e usava uma camiseta azul com a logo do supermercado.



Laura olhava fixamente para o visor, analisando os preços de cada produto. Nicolas estava encostado em um pilar com os olhos fechados, quase como se dormisse em pé. Já Cristina, Eduardo e Oliver retiravam as compras do carrinho e colocavam na esteira.

- Quanto tempo vocês acham que isso vai durar? – perguntou Oliver.

- Se depender de você nem dois dias - respondeu Eduardo.

- Nós vamos ficar lá por uma semana. Com certeza vamos ter de vir aqui outra vez – disse Cristina.





- Vocês vão acampar no chalé aqui do lado? – O atendente disse, interrompendo a conversa.

- Sim, vamos- respondeu Vieira.

-Realmente é bem pertinho, fica a uns três quilômetros, se faltar alguma coisa vocês podem vir aqui comprar.

-Viu, nem vamos precisar pegar o carro? - disse Cristina- É só irmos pela mata.

-Eu não andaria por aquelas matas se fosse vocês - falou o atendente.

-E por que não? – perguntou Eduardo.

-O último grupo que alugou me disse que viu algo estranho andando pela floresta - A curiosidade se fez presente no grupo, Laura Martins parou de olhar para o visor para prestar atenção na história. Até Nico saiu de seu pilar para escutar as palavras do funcionário - Eles viram uma criatura estranha caminhando pelas árvores, era verde e parecia um alienígena. E eles não foram os únicos, um casal que veio há uns meses atrás disse que ouviu passos ao lado da cabana. Quando foram investigar viram uma silhueta alta no meio da mata. Até onde eu sei essa coisa ainda não matou ninguém, mas sempre tem uma primeira vez, né? – O atendente sorria enquanto contava a história, não um sorriso malicioso, mas como se tentasse conter a risada.

- E você já viu algo estranho? Já que trabalha tão perto da cabana?
– Laura perguntou, claramente sem acreditar nos relatos.

- Eu nunca vi nada, isso é só o que me falaram. Mas se vocês querem uma dica, andem pela parte mais perto da estrada, essa área já foi toda revisada, é segura. Mas as trilhas do lado contrário do supermercado são praticamente inexploradas, fiquem perto da estrada que tudo vai ficar bem.





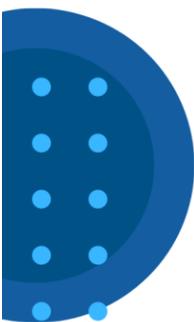
- Bem, obrigada pelo alerta, nós vamos tomar cuidado - disse Laura.

O restante parecia não acreditar na história do atendente, mas durante toda a manhã, Cristina pensava que esses avisos podiam não ser apenas boatos e que talvez tivessem cometido um erro indo para aquela floresta.

Eles dividiram a conta e pagaram usando dinheiro vivo. No caminho de volta para o carro, Eduardo tentou carregar todas as sacolas sozinho, mas acabou pedindo ajuda para o resto do grupo antes de chegarem no veículo.

Eles não dirigiram nem por meio quilômetro, quando avistaram uma estrada de terra que indicava a entrada. O grupo ficou andando por aproximadamente cinco minutos na mata fechada até enxergarem uma clareira. Estacionaram ao lado de uma árvore onde já havia marcar antigas de pneu no chão.

O chalé era uma simples casa de madeira bem decorada. Do lado dele, na direção contrária à da estrada de terra, havia um pequeno lago com uma ponte que levava ao outro lado, além de uma mesa de piquenique e um espaço para fazer fogueira no meio da clareira.



Nicolas Porto caminhou até a lagoa para observá-la mais de perto, mas Vieira correu até ele feito um touro e derrubou os dois na água. Eduardo segurou Nico no colo para tirá-lo do lago, pois ele não sabia nadar.

O trio restante descarregou as bagagens do carro e as levou até a cabana. O interior dela era mais bonito que a parte externa. Todos os cômodos possuíam uma aparência rústica, contendo três quartos e dois banheiros.





A cozinha era conjugada com a sala de estar. Nico entrou na casa resmungando que como foi jogado em um lago deveria ficar com um quarto sozinho.

Ninguém protestou porque Nicolas tinha fama de roncar alto. Oliver jogou as malas de Eduardo e as suas no mesmo quarto e correu para a cozinha. O garoto amava cozinhar, e já que sua comida era boa, ele foi encarregado de fazer as refeições do grupo.

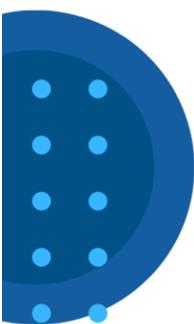
Nicolas passou o resto da manhã no banho. Laura passeava pelos arredores fotografando todas as paisagens, e Eduardo continuou nadando no lago.

Já Cristina resolveu ajudar Oliver na cozinha, guardando as compras e cortando os ingredientes. Ele pretendia fazer uma massa ao molho branco para o grupo.

O menino parecia animado enquanto cozinhasse, ele não era muito expressivo, então era necessário conhecê-lo muito bem para decifrar suas emoções. Quando o almoço estava pronto, os dois colocaram o prato na mesa do lado de fora, para comerem ao ar livre. Eduardo saiu do lago e se sentou na mesa ainda molhado.

Nicolas apareceu de dentro da cabana usando roupas secas, e seu cabelo estava solto e descabelado. Ele se sentou ao lado de Laura que imediatamente começou a julgar seu penteado. Todos se serviram, e Oliver olhava atentamente a reação deles para ver se estavam gostando da comida.

Depois do almoço, todos se separaram, cada um tinha planos diferentes para aquela tarde. Então Cristina aproveitou que o resto do grupo estava fora para dormir, estava cansada já que havia acordado cedo. Ela se deitou no sofá da sala e cobriu seu rosto com um travesseiro para bloquear a luz. Demorou alguns minutos para ela pegar no sono. Mas, quando finalmente dormiu,





uma criatura, verde e esguia se fez presente em seus sonhos. Ela a perseguia em meio às árvores, emitindo ruídos estranhos.

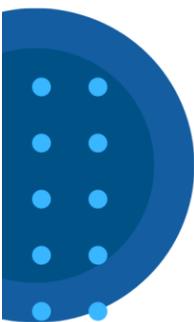
Depois de correr muito, Tina se viu encurralada por uma parede enorme feita de terra e arbustos. A criatura apareceu em sua frente, ela se ergueu em suas patas traseiras, alcançando quase três metros de altura. Seu tom de pele era de um verde acinzentado. Ela era humanoide, e observava Cristina com seus olhos arregalados. A besta abriu a boca lentamente e disse com uma voz humana, a voz de um homem:

- Eu estou aqui, eu vou atrás de todos vocês.

Cristina paralisou, nunca havia sentido tanto medo em sua vida. A criatura caminhou até ela lentamente, quase como se quisesse torturar a garota, fazendo-a tremer enquanto ela se aproximava devagar. Seus olhos verdes fixos nos de Tina. Ela estendeu seu braço até o pescoço da menina, e enfiou suas garras com um só golpe.

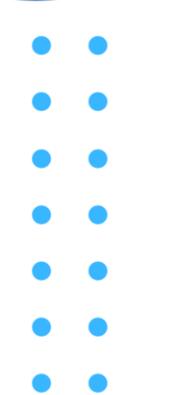
- Nada dura para sempre. – Foi a última coisa que a garota escutou antes de acordar ofegante e coberta de suor.

Cristina colocou a mão no peito para sentir seu coração batendo freneticamente. O estranho era que mesmo tudo aquilo ter sido um sonho, ela conseguia se lembrar da dor de ter garras penetrando seu pescoço.



A garota olhou ao seu redor, era a única dentro de casa. Ela correu até o lado de fora, com medo de ficar sozinha. Tina ficou mais calma ao ver a luz do sol, e as únicas pessoas que estavam presentes no pátio eram Oliver e Nicolas, que estavam sentados na mesa de piquenique conversando sobre algo que a menina não conseguia ouvir. Ela caminhou até eles e se sentou ao lado de Oliver.

- Onde estão Eduardo e Laura? – A garota perguntou.





-Eles saíram para caminhar a uma hora atrás, já devem estar voltando - Oliver disse.

O corpo da menina ainda tremia, a criatura bizarra não saía de sua cabeça.

-Tina, você está bem, tem algo de errado? – Nico perguntou, tocando nos braços trêmulos de Cristina.

-Nada, eu estou bem, só tive um pesadelo com a história do atendente do supermercado.

- Que ótimo jeito de começar as férias - O moreno disse.

-Eu acho essas lendas urbanas bem divertidas, poderíamos fazer uma fogueira hoje à noite para compartilhar histórias, aí você nos conta o seu pesadelo - Oliver falou.

-A garota já está assustada e você quer colocar mais medo nela? – retrucou Nicolas.

- Não, eu estou bem, foi só um sonho ruim.

Do outro lado, Eduardo e Laura atravessavam a ponte. Vieira corria pelos degraus de madeira fazendo toda a estrutura balançar. Já Martins andava calmamente com as mãos em seus bolsos.

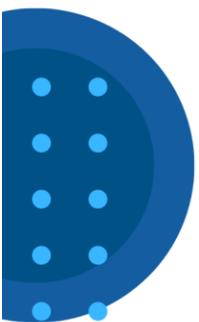
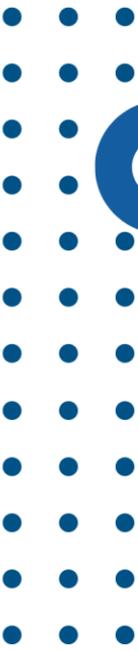
-Galera, adivinha o que nós achamos? – disse Eduardo.

-Um campo de flores enorme – completou Laura.

-O que tem de tão interessante em um campo de flores? – perguntou Nico.

-Não são flores comuns, eu nunca havia visto aquele tipo antes. Parecia que elas sangravam.

-Como assim sangravam? – perguntou Oliver.





-Escorria um líquido vermelho delas, eram lindas - Eduardo continuou.

-Vocês querem ir ver com a gente? – disse Laura.

-Os dois acabaram de voltar de uma caminhada. Tem certeza que querem fazer outra? –Perguntou Cristina.

-Nós estamos de férias em uma cabana, o que mais tem para fazer sem ser caminhar? Além do mais eu nem sei o que vocês três ficaram fazendo a tarde inteira - Vieira disse.

-Descansando, Eduardo, o que você também deveria estar fazendo - retrucou Nico.

- Eu aceito, preciso de algo para me distrair de qualquer maneira- Tina falou enquanto se levantava da mesa.

- Bem, se você vai, eu vou te acompanhar, mas só para deixar claro: eu odeio caminhadas - Nicolas disse.

Oliver aceitou, mas segundo ele só porque todos iriam.

O grupo caminhou por cerca de uma hora, ao contrário do arredor do chalé, ali o mato era alto e espesso, sem nenhum tipo de cuidado ou controle dos proprietários da cabana.

Nico ficou todo o caminho reclamando de dor no pé, Laura mandava ele calar a boca, porque já era a segunda vez que ela estava fazendo o mesmo percurso e não estava reclamando.

Mas isso não fez Nicolas parar de resmungar.

Depois de mais ou menos quatro quilômetros percorridos, o grupo presenciou uma clareira aberta ao céu, repleta de flores avermelhadas. Suas pétalas eram caídas para baixo, o que lhes davam a aparência de estarem mortas, e das antenas escorria um líquido cor de sangue.





Cristina se aproximou e sentiu um cheiro forte, como o de álcool. Eduardo se ajoelhou em frente ao campo e pegou uma das flores na mão. Ele cheirou seu aroma forte e lambeu seus dedos lambuzados pelo líquido vermelho.

-Eduardo, o que você está fazendo? - Laura gritou tirando a mão de Vieira da plantaçoão.

-Eu só estou provando esse troço estranho, e por incrível que pareça tem um gosto bom.

Oliver se aproximou das flores e arrancou uma delas dos arbustos. Ele passou a língua pelas pétalas e sentiu o líquido entrar em sua boca.

- É amargo.

- Que nojo – disse Nico.

- Não, é bom, prova um pouco - O garoto estendeu a flor até Nicolas.

- Eu não vou comer a flor que você lambeu, vou pegar outra.

Nico retirou delicadamente uma das plantas do campo. Relutante, ele passou os dedos pelo caule e depois levou até a boca.

- Para mim isso não é amargo, é bem doce.

- Então essa flor tem um gosto diferente para cada um, por que para mim é apimentado - disse Eduardo.

- Isso é muito legal e estranho ao mesmo tempo- comentou Oliver.

Tomada pela curiosidade, Cristina se ajoelhou em frente ao campo, e assim como seus amigos arrancou uma das flores e lambeu uma de suas pétalas. Um gosto adocicado invadiu sua boca, queimando por toda a descida de sua garganta. Ela sentiu os poros do seu rosto abrirem e seus sentidos ficarem mais aguçados, as dores do seu corpo desapareceram.





- Ei, Laura, eles estão certos, isso é realmente muito bom, prova um pouco - Ela disse estendendo uma das flores à amiga.

- Obrigada, mas eu não quero colocar um líquido que eu não sei o que é na minha boca.

Eduardo começou a pegar um amontoado de flores em suas mãos e juntou um pequeno buquê.

- O que você está fazendo? – perguntou Oliver.

- Levando algumas dessas flores para perfumar a casa.

- Falando em casa, é melhor nós irmos, o sol já vai se por é não é bom ficar aqui fora à noite - Laura Martins disse olhando para o céu.

Os cinco se levantaram do chão e caminharam de volta, que por algum motivo demorou mais que a ida, talvez porque todos estivessem cansados e desatentos.

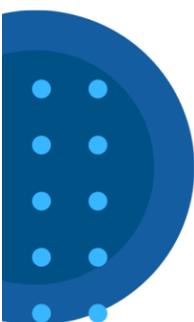
Oliver, que era o mais observador, tropeçou três vezes.

Nico impediu Cristina de cair no chão, segurando-a pela parte de trás da camiseta quando passaram por um relevo.

Quando finalmente chegaram na cabana, foram até a fogueira por influência de Oliver que queria contar histórias de terror. Menos Eduardo que entrou para dentro do chalé para colocar as flores em um vaso.

Todos viram ele pegando um copo de vidro comprido, enchendo-o de água e pondo o buquê na janela. Ele voltou à roda com álcool, um isqueiro, palitos de churrasco e uma lanterna. Já havia lenha na fogueira, então Oliver jogou o álcool por cima da madeira, queimou o palito e jogou tudo no círculo de pedras no chão. Aquela fogueira improvisada não iria durar muito tempo, mas não precisava durar.

- Quem quer começar com as histórias? – Oliver perguntou.





- Cristina, você tinha tido um pesadelo antes, por que não conta ele para a gente? – Nico disse, chamando a atenção de todos.

- Não foi muita coisa, só um sonho com o monstro da história do atendente.

- Bem, eu não acho que alguém tenha algo mais interessante para contar agora - Laura murmurou.

-Tudo bem, eu conto. Eu estava...

- Espera, usa isso- Eduardo jogou uma lanterna em direção a Cristina.

- Sério isso?

- Usa, vai ficar legal.

Cristina ligou a lanterna e iluminou o seu rosto.

- Eu estava fugindo no meio da mata, e algo me perseguia, algo grande. Depois de um tempo correndo, eu me dei de cara com uma parede de terra, e a coisa me alcançou. Era como um alien verde com três metros de altura. Ele me disse que estava aqui e que iria matar todos nós. A criatura caminhou até mim e falou que nada dura para sempre, o estranho é que a voz era de uma pessoa, e logo depois ela enfiou as garras no meu pescoço. Aí eu acordei.

Todos olhavam para ela sem falar uma palavra, tanto pelo choque de um sonho tão estranho quanto pela falta de comentários.

- Complicado - Eduardo disse tentando acabar com o silêncio constrangedor.

- Olha, foi uma ótima história, mas eu já quero ir para a cama - Laura falou enquanto bocejava.

-Eu também vou dormir, foi um dia longo - disse Nico.

-Você quase não fez nada o dia inteiro - provocou Vieira.





- Aquela caminhada já me cansou o bastante, foi uma hora a ida, e mais uma hora e meia para voltar.

Aos poucos o grupo foi se retirando do pátio e se dirigindo aos seus respectivos quartos. Não foi necessário apagar a fogueira, pois ela já havia apagado no meio da conversa.

Cristina se deitou em sua cama ao lado de Laura, pois as duas estavam dividindo o cômodo.

Martins já estava adormecida fazia horas, mas Tina não conseguia pegar no sono. Ela tinha medo de voltar a sonhar com a criatura verde. Porém, não era só isso que a incomodava, sentia algo estranho em seu corpo, como uma espécie de abstinência.

Ela ansiou por sentir o gosto doce da flor novamente, parecia que estava fraca por estar longe do cheiro forte. Ela se levantou da cama como se estivesse em um transe, caminhou para fora de seu quarto e viu um copo de vidro na mesa embaixo da janela, preenchido por flores vermelhas que escorriam um líquido cor de sangue.

A garota cheirou aquele aroma que elas exalavam, parecia o de menta. Não sabia como não conseguia enjoar daquele cheiro. Ela colocou suas mãos em formato de concha embaixo das pétalas e esperou que elas enchessem.

Cristina bebeu o líquido rápido, como se estivesse desesperada. Algumas gotas escaparam pelo espaço de seus dedos e caíram no chão. Outro pouco escorreu pelos cantos de sua boca até chegarem em seu pescoço. Ela sentiu um gosto forte em sua língua, aquela era a melhor bebida que já havia tomado, perguntava-se como um líquido podia lhe fazer tão feliz. Mas, essa euforia repentina passou quando ela ouviu uma frase ecoar em sua cabeça, como uma lembrança.

“Nada dura para sempre”





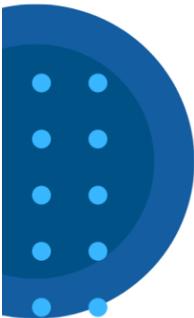
Ela olhou para a janela e avistou uma criatura verde e encurvada caminhando entre as árvores. Ela não parecia perceber Cristina a observando.

A garota não se assustou, apenas continuou olhando para a besta até que ela fosse embora, mergulhando novamente nas trevas de onde veio. Tina estava extasiada demais para pensar naquilo. A única coisa que estava em sua mente eram as flores. Ela não se lembrava de quando voltou para o seu quarto, mas acordou na cama com seu corpo completamente dolorido.

Cristina passou uma boa parte da manhã deitada. Laura já havia se levantado, a menina tinha o costume de acordar cedo. Porém, Tina sentia sua cabeça girar por horas, estava tão fraca que nem conseguia pegar um remédio.

Depois de algum tempo resmungando na cama, ela finalmente criou coragem para levantar e ir até a cozinha tomar café, talvez o motivo de seu mal-estar fosse fome.

Quando a menina abriu a porta do quarto, ela sentiu o aroma que as flores de sangue haviam impregnado na casa e quase que imediatamente sentiu seu enjoo passar. Ela caminhou até a sala e viu Nicolas e Laura sentados no sofá discutindo marcas de condicionador, já que de acordo com Martins, Nico não cuidava de seu cabelo direito.



Na cozinha, Eduardo andava pelos armários e preparava café da manhã para o grupo. Oliver saiu de seu quarto bem na hora e olhava para a cena como se estivesse vendo um filme de terror, o que era incomum para ele porque as reações mais exageradas que o garoto fazia era arquear levemente a sobrancelha. Então ver outra pessoa cozinhando era realmente uma traição e tanto para fazer o menino arregalar seus olhos de tal maneira.

- Eu queria ter cozinhado café pra gente - Ele disse, cruzando os braços e fazendo biquinho como uma criança mimada.





-Era só ter acordado mais cedo - Viera descabelou os fios marrons do garoto que pareceu se acalmar.

- Deixe-me te ajudar pelo menos - Oliver disse entrando na cozinha e pegando uma frigideira para fritar os ovos.

Todos estavam com olheiras e aparência cansada, até Laura que dormia e acordava cedo estava péssima.

Cristina sentiu sua cabeça doer novamente, então ela caminhou até a janela e cheirou o aroma das flores. Seu mal-estar passou quase que totalmente, as flores lhe faziam tão bem. Ela passou os dedos pelas pétalas vermelhas e provou do líquido adocicado outra vez.

À medida que a tarde passava, mais dores apareciam em seu corpo. A garota tentava sair da cabana e caminhar ao ar livre, mas toda vez que fazia isso sua cabeça doía ainda mais.

Ficar dentro do chalé a deixava anestesiada dos enjoos, os outros estavam na mesma situação, pois durante todo o dia o grupo ficou conversando no sofá da sala.

Ninguém queria sair, nem Eduardo que era apaixonado pelo campo. Durante toda a tarde eles beberam o líquido da flor de sangue, até Laura que estava relutante se juntou a eles. Era indescritível quanto aquela bebida era boa, e mesmo que a planta estivesse arrancada da raiz, ela ainda escorria.

O gosto se adaptava a cada um, era intenso, leve, um sentimento contraditório. Cristina sentiu como se estivesse bebendo algo novo toda vez que o líquido cor sangue tocava sua língua. Era impossível descrever o quão bom aquilo era, e quão viva fazia Tina se sentir.

Ela nem sequer percebeu o dia passar, a flor a deixava tão imersa em seus pensamentos que a garota estava com dificuldade de prestar atenção no ambiente ao seu redor.





Depois de algumas horas, ou talvez minutos, ela não sabia dizer, sentada no sofá, a menina percebeu suas mãos sujas pelo líquido vermelho já seco.

Cristina se levantou e caminhou até o banheiro se apoiando nas paredes, pois estava tonta. Quando ela abriu a porta e observou o espelho manchado com uma substância vermelha que representava uma frase já conhecida pela garota.

“ Nada dura para sempre. ”

Tina olhou a mensagem com pavor, ela se virou de costas para ter certeza de que ninguém estava atrás dela, e quando virou de volta a mensagem havia sumido.

A garota saiu correndo assustada, olhando para todos os lados com medo do alien verde estar na casa. Quando chegou na sala, Cristina viu a criatura parada atrás de uma poltrona onde Oliver estava sentado. Ela sorria genuinamente, o que deixou Tina preocupada. A criatura ia matá-la, tinha certeza.

- Gente - A garota disse tremendo, chamando a atenção de todos os seus amigos - Ele está aqui- A menina apontou para a parede.

Todos olharam para o ponta que Cristina apontou, mas pareciam confusos.

-Do que você está falando? Não tem ninguém ali - Nico disse.

Eles não o viam, por que não o viam? A coisa iria matar todos eles, mas talvez estivesse apenas se divertindo com Cristina antes.

- Ele estava aqui, eu juro!

- Quem estava aqui, Cristina?

- A coisa verde, o alien. Ele estava aqui atrás do Oliver.

O grupo se olhou confuso, mas eles não pareciam estar tão preocupados quanto deveriam.





-Tem certeza de que você só não está confusa? Ninguém viu nada
- Laura disse.

Cristina estava tonta, sua visão era embaçada, não tinha certeza do que via, além de seus sentimentos, mal conseguia distinguir se era dia ou noite. Devia ver estar vendo coisas.

- Você tem razão, talvez eu só devesse descansar.

A garota caminhou até sua cama e se atirou nela, o ar era estranho, o cheiro da flor impregnava o quarto e a fazia querer ficar deitada para sempre, apenas sentindo o aroma delicioso que aquela planta exalava. Minutos se pareciam horas. Tina sentia como se não houvesse outra razão para viver além de estar perto daquela flor que parecia reproduzir o paraíso na terra.

Em dado momento, quando a menina já estava na sala com outros, Nico entrou no chalé assustado. Ele gritava dizendo ter visto a criatura enquanto estava lá fora. O menino havia ido até o pátio pegar um pouco de ar, Cristina não entendia o porquê, ficar do lado das flores era tão mais confortável.

Todos se desesperaram e começaram a olhar pelas janelas. Mas claro, não havia nada lá, e ir embora da cabana não era uma opção, as flores estavam lá, se em algum momento as que eles possuíam parassem de escorrer, era só ir até o campo e pegar mais. Se aquela criatura realmente existisse, teriam que lidar com ela.

Tina não sabia quantos dias haviam se passado, três, quatro? Não podia ter certeza. A única coisa da qual se lembrava era do cheiro das flores. Elas estavam presentes em todos os seus pensamentos, a única coisa que fazia sentido em um mundo tão confuso.

Os outros pareciam entender isso, principalmente Oliver, já que ele consumia a flor tanto quanto ela. Na manhã do quinto ou talvez sexto dia, Eduardo saiu do banheiro gritando.



- O bicho verde, ele está aqui, ele vai matar todos nós!

Vieira parecia desesperado, seus olhos e lábios estavam vermelhos. Ele começou a fechar as portas e janelas. Todos se assustaram com a alegação dele e ficaram alertas.

Vultos invadiram a casa e correram pelos cômodos rapidamente, sendo apenas uma listra verde distinguível. A criatura estava em todo lugar e em lugar nenhum ao mesmo tempo.

Cristina se perguntou se ela era mesmo real. Eles passaram a tarde toda vendo os vultos, e a cada duas horas Tina bebia o líquido da flor. Estava viciada, todos estavam. O cheiro, o gosto, deixavam-na tão feliz e os vultos a faziam temer.

Era uma mistura de sentimentos maravilhosa, aquela confusão causa sofrimento a ela, mas aquele sofrimento era tão bom, lembrava-lhe que estava viva, que era capaz de sentir algo tão forte, tão intenso sem nenhum motivo aparente.

Ela estava admirada com o que as flores eram capazes. Elas eram a melhor coisa que aconteceu a Tina, que fenômeno incrível, uma simples planta a deixava alegre em uma situação horrível. A garota não precisava comer, beber ou dormir. Se ficasse perto das flores, tudo estaria bem.

Nicolas começou a chorar no meio da sala. Se isso aconteceu horas ou minutos depois que Eduardo começou a gritar, ela não se lembrava. O tempo estava embaralhado.

- Eu não sei o que está acontecendo, eu não sei o que estou sentindo. Eu acho que estou vendo coisas! - Nico gritava desesperado, estava louco, todos estavam.

Oliver pegou uma faca na cozinha para se defender. Eduardo abraçava o corpo do garoto, dizendo que não queria morrer. Todo o ambiente estava um caos, mas o cheiro da flor de sangue fazia tudo parecer tão feliz.





-Eu preciso de água, eu preciso sair daqui! – Nicolas gritou antes de correr para fora do chalé.

Oliver Nascimento começou a gritar, dizendo que estava vendo a criatura. Seus olhos estavam vermelhos assim como seus lábios. Toda a sanidade em seu corpo já havia esvaído.

Eduardo se afastou do garoto com a faca, parecia estar com medo.

Oliver olhou para o amigo assustado em sua frente e avançou para cima dele sem hesitar. O garoto fincou a lâmina na barriga de Eduardo que gritou de dor.

- Oliver, por que você está fazendo isso?

Vieira tomou a faca do menino com extrema facilidade já que era mais forte. Ele o derrubou no chão e fincou a lâmina em seu estômago. Mas, não continuou com os golpes por muito tempo. Eduardo olhou para o rosto sofrido do amigo e soltou a faca no chão quando percebeu o que estava fazendo. Aproveitando a deixa, Oliver pegou a lâmina e fincou no pescoço de Vieira.

- Oliver...por quê? - Eduardo Vieira perguntou com o semblante em puro sofrimento, olhando para seu melhor amigo e também seu assassino.

Laura assistiu à cena em choque, não sabia como reagir em meio a tanta violência.

-Oliver, o que você fez?

-O que eu fiz? Eu...matei a criatura, eu nos...salvei.

O garoto não conseguia falar sem cuspir sangue. Seu abdômen estava aberto e escorrendo. Cristina viu seus amigos em desespero, mais não conseguia se importar. A verdade é que ela estava esquecendo de quem eles eram. Oliver tentou se levantar, mas caiu novamente. Ele ria enquanto via o sangue escorrer e engasgava ao mesmo tempo, talvez achasse que aquilo era o





líquido das flores, talvez achasse que aquilo lhe fazia bem, mas só o matava.

Ele sangrou até morrer, e isso não levou muito tempo, ou talvez tenha, Cristina não sabia dizer se era noite ou dia, não sabia dizer quem ela era. Nem o nome da mulher loira que gritava a sua frente.

- Tina, por que você está tão calma? – Ela colocou as mãos em seu rosto, tentando tirá-la do transe.

- Quem é você?

-É claro que você não sabe quem eu sou, tu está drogada, eu tô drogada, eu não sei o que tá acontecendo, eu não aguento mais isso.

A mulher se ajoelhou perto dos dois corpos, pegou a faca jogada no chão e a aproximou de seu pescoço chorando. Cristina não se lembra o que ela fez.

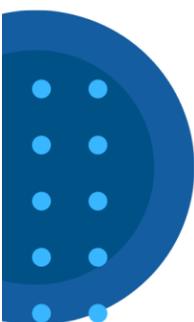
A garota caminhou até a flor desejando sentir seu gosto, mas ela estava seca. Tina saiu da casa desesperada para encontrar mais, ela sabia que a planta lhe fazia mal, mas a esse ponto sentia que não conseguiria viver sem ela.

Quando passava pelo lago, a menina viu um corpo flutuando pela água. Ele era pálido e possuía cabelos pretos compridos. Ela não o conhecia, então apenas continuou seu caminho até o campo.

Tina não se lembrava de nada, mas sabia como chegar até as flores, era como se elas a chamassem. Durante todo o trajeto, a garota foi acompanhada por uma criatura verde e esguia que ria de sua situação deplorável.

-Eu te avisei, te avisei que seus amigos não durariam para sempre.

-Que amigos, quem é você? – Cristina tentava distinguir quem estava ao seu lado.



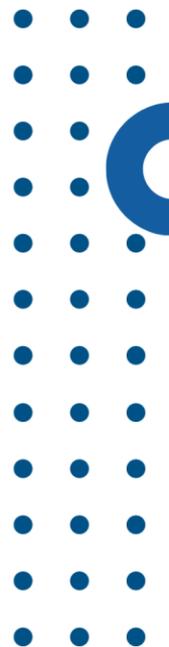


A besta segurou a menina pelos ombros, mas Tina não sentiu seu toque.

-Sabe que aquilo não estava ali por acaso, não é? Elas colocaram as flores lá, elas forjaram sua ruína. Então continue seu caminho, minha linda flor de sangue, acabe com o que começou.

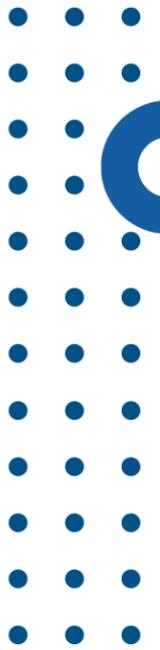
Cristina se virou e continuou a caminhar até enxergar a razão de sua felicidade. Seu corpo estava cansado, mas ela teve forças para se jogar em seu paraíso e deitar entre as flores que a faziam viver. Mas ela estava tão cansada, que nunca mais conseguiu levantar.

Elas estão observando.





O segredo da biblioteca



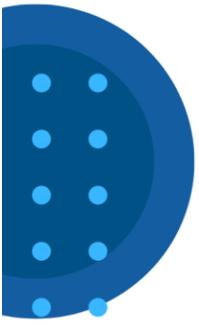
O que diferencia a verdade da imaginação, o abstrato do concreto? Poderia a mente de uma criança, uma coisa tão pura e macabra ao mesmo tempo, transformar sua criatividade em realidade. Qualquer homem em sã consciência responderia não, mas Alice provou o contrário.

Marlene Weber estava tendo um dia extremamente entediante.

Poucas pessoas ainda frequentavam uma biblioteca pública, o que deixava a bibliotecária com muito tempo livre. Às vezes apareciam grupos de jovens que pretendiam estudar ou velhinhos apaixonados por livros, mas a menina geralmente passava por uma série de expedientes calmos. Ela aproveitava a folga para arrumar as prateleiras e ler.

Mas, com um mês de trabalho sentia que já havia lido tudo de interessante naquela biblioteca. O lugar possuía uma aparência rústica, com um teto alto, janelas cobertas por vidraças coloridas e uma série de mesas postas entre as dezenas de estantes.

O local seria magnífico se fosse bem conservado, por isso Marlene fazia o seu melhor para manter a biblioteca limpa, mas ela precisava de uma reforma.



A garota sentiu algo passar entre as suas pernas. Weber olhou para baixo e viu seu cachorro Alecrim deitar em seus pés. O cão era da raça borzoi, possuía longos pelos amarelados e um focinho comprido.

Marlene tinha permissão para levar seu bichinho de estimação para o trabalho. Talvez seu chefe pensasse que um animal atrairia a atenção dos moradores para a biblioteca pública, mas a maioria passava reto, sem nem olhar para dentro da construção.





Marlene escutou o som do sininho da alta porta tocar, anunciando que alguém entrara na biblioteca. Uma criança loira, coberta por sardas, saltitou para dentro. Alecrim latiu assustado para a garota, mas ela não se importou. Passou pela bibliotecária e acenou para Weber com muita emoção, como se estivesse muito feliz em ver Marlene.

A garota acenou de volta, com um sorriso genuíno em seu rosto. A menina caminhou até uma das mesas entre as prateleiras e retirou um pequeno caderno laranja de dentro da mochila que carregava.

Weber já havia visto a criança antes. No dia anterior ela viera até a biblioteca e se sentou na mesma mesa com o caderno em mãos. Marlene achava estranho ela estar desacompanhada, já que não parecia ter mais de oito anos. Mas, sua casa deveria ser logo ao lado, e os pais dela deveriam permitir que a garotinha ficasse na biblioteca durante a tarde.

Ela rabiscava em seu caderno, provavelmente desenhando. Durante o dia todo a menina loira foi a única pessoa que frequentou a biblioteca.

Marlene passeou pelas prateleiras durante o seu expediente, ficou admirando as altas vidraças e vendo quantos livros antigos que o local possuía.

Ela também observou a criança uma parte do tempo, percebeu que a menina não estava desenhando, mas escrevendo.

A garotinha não olhava para Weber, praticamente a ignorando.

Na hora de ir embora, Marlene fechou todas as portas e janelas, revisou a biblioteca para ter certeza de que não teria ninguém dentro, até viu a mesa em que a criança estava, mas ela já havia ido embora.



Marlene achou estranho não a ter visto sair. Weber trancou a porta e saiu acompanhada de Alecrim.

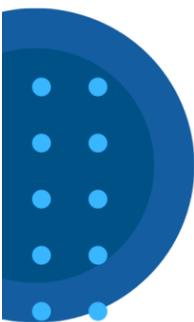
Lua Nova era uma pequena cidade gaúcha com baixa taxa de criminalidade. Então a garota não tinha medo de andar na rua sozinha, ainda mais com seu cachorro, que, apesar de ser magro, era bem grande.

Marlene sentiu o vento bagunçar seus cabelos. O ar era frio e úmido, estava sendo amaldiçoada pelas noites geladas de julho no sul do Brasil.

A menina chegou em casa sentindo suas orelhas e nariz gelados. Ela destrancou a porta e viu que sua residência estava com todas as luzes apagadas, então subiu as escadas apertando todos os interruptores que via.

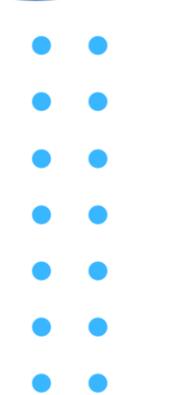
Seus pais trabalhavam no período da noite, por isso Marlene não os esperava para ir dormir, sabia que só os veria na manhã seguinte já que possuía o costume de dormir e acordar cedo.

A garota chegou ao banheiro do andar de cima, pegou uma muda de pijama comprido e tomou o banho mais demorado que pôde. Alecrim latia do lado de fora da porta esperando que sua dona saísse do banheiro.



Weber vestiu a roupa e observou seu reflexo cansado no espelho. Ela possuía cabelos e olhos castanhos, uma pele delicada e rosto magro, porém com poucas marcações. Mas, durante alguns segundos, o reflexo do espelho mudou, Marlene viu uma mulher enforcada, com os olhos azuis arregalados, os cabelos loiros embaraçados e sardas por todo o corpo.

Ela deu um pulo para trás por causa do susto. Quando foi ver novamente, a imagem havia voltado ao normal. Alecrim rosnou e latiu agressivamente do lado de fora do banheiro, quando a garota abriu a porta, o cão tentou arranhar o espelho.





-Você viu isso também, amigo?

O cachorro olhou para Marlene com medo em seus olhos. Ele correu até ela e se escondeu no meio de suas pernas.

-Não se preocupe, amigo, seja lá o que isso for, não acho que vai nos machucar.

A garota fez um leve carinho na cabeça de Alecrim e foi em direção ao seu quarto. Marlene não estava com medo, não tinha medo de assombrações, na verdade se sentia tentada em saber quem era a mulher no espelho, se é que ela era real e não só um delírio da menina.

Weber abriu a porta de seu quarto e se deparou com uma sala bem simples, sem muitas decorações. Todos os móveis eram brancos, a estante em cima da escrivaninha, a cadeira e até o roupeiro. O mais colorido no cômodo era a fronha bege do colchão. Alecrim correu até a cama da garota e se deitou no lado esquerdo cobrindo seu rosto com a pata.

- O que foi, Alecrim, com medo de fantasmas? - A menina disse, deitando-se ao lado de seu cachorro - Não se preocupe, amigo, ninguém vai te machucar enquanto eu estiver aqui. Tudo bem! - Marlene depositou um beijinho na cabeça do cão, logo depois desligou as luzes para ir dormir.

Alecrim tremeu e choramingou toda a noite. Weber tentou abraçá-lo para que ele parasse de chorar, mas isso não adiantou muito, pois o cachorro continuou acuado até que a menina se levantasse de sua cama para se arrumar para o trabalho.

Marlene acordou por volta das cinco da manhã. Ela penteou os cabelos e colocou uma calça jeans, camiseta bege e um casaco branco extremamente longo por cima.





Apesar de ser bem frio nessa hora do dia, a semana não estava sendo tão gelada quanto as anteriores, mas levou um moletom na bolsa por precaução.

A menina desceu as escadas e caminhou em direção à cozinha. Chegando lá ela viu sua mãe, uma mulher morena e esguia, segurando uma xícara de café, em pé ao lado de balcão.

Seu pai também estava presente, sentado na mesa de centro com vários tipos de comida em cima, tudo que Marlene gostava: sanduíches, frutas, salgadinhos. O homem sorriu ao ver sua filha e chamou-a para se sentar na mesa com ele.

- Bom dia, filha, como foi o trabalho ontem?

- Entediante como sempre, mas a parte boa é que eu não me canso – A garota disse pegando um dos sanduíches da mesa e comendo com a mão.

- Eu não entendo por que você tem que passar a maior parte do seu dia em lugar que não é frequentado - A mãe da garota resmungou.

- Deixa a menina em paz, Camila, pelo menos ela tem um emprego.

- Eu só sinto falta da minha menina em casa, você nem sequer almoça conosco mais.

- Não se preocupe, mãe, eu não vou continuar trabalhando naquela biblioteca para sempre. Aquele lugar provavelmente vai fechar daqui a alguns meses. Mas eu não vou sair tão rápido, estou gostando de ter vários livros à minha disposição o tempo todo.

- Eu só acho uma pena que só nos vemos de manhã - A mulher reclamou.





- Bem, se vai passar o dia todo lá, vai precisar tomar um pouco de café - O pai de Marlene pegou uma das xícaras da mesa e serviu café quente nela.

Ele estendeu a caneca para a garota, mas, quando ela foi pegar a xícara, algo estranho aconteceu. Weber esqueceu como se segurava, simplesmente esqueceu como fazer uma ação tão simples. A caneca caiu no chão quando o homem a soltou na mão de Marlene, pois a garota esqueceu como se fecham os dedos.

- Diego! Olha o que você fez! - Camila falou repreendendo seu marido.

- Não fui eu, eu entreguei para Marlene e ela não pegou a xícara.

- Desculpa, mãe, eu acabei me distraíndo um pouco. - A menina disse olhando confusa para a sua mãe, perguntando-se o que aconteceu.

- Não tem problema, querida. Eu limpo isso - A mulher disse indo até a lavanderia pegar um pano.

Weber olhava para os seus dedos com uma feição triste, perguntava-se como havia se esquecido de algo tão simples. Sua memória sempre foi ruim, mas não a esse nível.

- Ei, Mary, não fica chateada, foi só uma xícara - Diego disse, tentando consolar a garota.

- Eu sei, eu só queria não ser tão...distraída - A menina falou sem encontrar uma palavra que descrevesse melhor sua confusão.

- Não se preocupe, filha. Isso passa com o tempo. - O homem se espichou e fez um leve carinho no cabelo da garota.

Camila entrou na sala com um pano e um saco para colocar os cacos da xícara.





Marlene percebeu que logo seriam seis horas, então ela pegou mais três sanduíches, colocou em sua bolsa e foi até o trabalho acompanhada de Alecrim.

O sol não havia raiado quando a menina saiu de casa. Nem sequer a fina faixa laranja do horizonte havia aparecido.

Weber se perguntou quem iria até uma biblioteca pública aquele horário no inverno para que precisasse estar lá tão cedo.

A garota destrancou a grande porta dupla de madeira e entrou no ambiente. Sua mesa não ficava muito longe da entrada, era possível ver a bancada da garota do lado de fora. Ela e Alecrim varreram o chão na primeira hora da manhã, ligaram todas as luzes e organizaram os livros.

Depois de alguns minutos, devia ser sete da manhã quando a garotinha loira chegou com sua mochila azul e se sentou na mesma mesa que estava no dia anterior.

Marlene tentou acenar para ela, mas a menina simplesmente a ignorou. Weber ficou chateada, mas decidiu ignorá-la também.

As horas passaram, e a criança revezava entre escrever algumas palavras no seu caderno e pegar um livro na estante para ler.

A garota achou aquela menina estranha, ela parecia fingir que Marlene não existia. Weber tentou não ligar para esse comportamento, mas o fato de Alecrim latir constantemente para a menina e ela nem ligar, fez com que uma dúvida aparecesse na cabeça de Marlene.

A menina caminhou até mesa onde a garotinha estava, ela escrevia algo que parecia ser uma carta em seu caderno, Weber parou ao lado dela e tentou conversar.

- Ei, garota- Marlene chamou, mas a loira pareceu não escutar.





- Ei, menina, eu estou falando com você - A garota tentou tocar no ombro dela, mas sua mão atravessou a criança como se ela fosse feita de fumaça.

Marlene teve uma mistura de sentimentos, medo, mas também emoção, finalmente algo interessante aconteceu no seu trabalho chato.

- Você viu isso, amigo? – Weber perguntou a Alecrim, que a encarrou com as orelhas abaixadas.

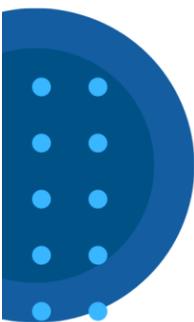
Marlene puxou um bloco de anotações do bolso de seu casaco, folheou algumas páginas no qual ela anotava sua rotina, e reservou uma parte para anotar sobre esse mistério.

Segredo da biblioteca.

Adendo: tem um espírito nela.

A garota se sentou ao lado da criança na mesa, e a viu tirar um pequeno caderno feito a mão de sua mochila. Ela arrancou a página que estava escrevendo e a guardou, por algum motivo, ela pegou outra página dentro de sua mochila e a colocou dentro de um pequeno caderno feito à mão.

A menina se levantou e correu entre as prateleiras. Marlene a perseguiu até pararem na sessão de terror, que ficava na parte mais escura e antiga da biblioteca. A loira colocou a caderno feito a mão no meio de outros livros, antes de se dissolver no ar.



Weber foi até o lugar em que ela estava e começou a procurar na estante, não muito tempo depois ela encontrou o caderno, mas ele não parecia ter sido colocado ali a poucos segundos, mas há anos, pois estava mastigado por traças e empoeirado. A capa era de papelão com um título escrito por uma caneta preta. *A Mulher de Olhos Brancos*. A menina folheou as páginas e viu que era um pequeno livro escrito a mão. Com a data e autor na última folha. *Tadeu Duarte, 17/07/2009*.



Entre as páginas, Marlene encontrou a folha que a garota estava escrevendo mais cedo. Ela a pegou na mão e leu seu conteúdo.

18/07/2009

Querido diário, esta biblioteca é enorme, tem todos os tipos de livro, eu vou gostar de passar minhas tardes aqui. O papai está conversando pouco comigo, ele passa a maior parte do tempo atrás do balcão passando os livros que as pessoas pegam emprestados. Mas eu entendo, esse é o trabalho dele. O papai admira muito os livros nas prateleiras, eu não sei o porquê ele faz isso. Mas eu estou feliz que o meu diário está dando certo.

- Essas coisas foram escritas há muito tempo, eu não acho que aquela criança seja exatamente um fantasma, mas talvez uma manifestação do passado. - A garota falou para Alecrim, que não respondeu. Ela retirou seu bloco de notas do bolso e o atualizou.

Segredo da biblioteca.

Adendo: tem um espírito nela/ uma manifestação do passado.

Diário da Menina Fantasma.

Um autor desconhecido escrevendo contos/ bibliotecário.

Marlene se sentou em uma das cadeiras e leu o conto escrito por Tadeu, parecia ser uma história comum de terror, mas uma frase chamou sua atenção. “Elas estão observando”. Quem são elas? Pensou a garota. Weber colocou o pequeno livro em seu bolso, e partiu em busca de achar outra obra escrita por Tadeu.



Devia haver outros contos, por que ele escreveria um livro assim e simplesmente o soltaria em uma biblioteca? Talvez ele nem soubesse que aquela garota estava os escondendo pelas estantes, a menina loira devia ser sua filha.

Marlene já havia mexido em uma boa parte das prateleiras, mas havia algumas sessões que permaneciam intactas desde a chegada dela ao trabalho.

Essas eram as estantes mais antigas. A garota foi até elas e começou a revisar devagar os vãos entre os livros.

Weber procurou por horas a fio, mas só foi achar um outro exemplar dos contos quando o sol já estava se pondo. Ela pegou um livro de papelão empoeirado com um título escrito em caneta vermelha. Nele dizia: *O Terror da Lua de Sangue*. E na última página ela viu novamente o nome e a data. *Tadeu Duarte, 16/07/2009*.

17/07/2009



Querido diário, hoje a minha mãe me disse que eu deveria escrever mais, que apesar da minha escrita ser boa, praticar seria um bom hábito para mim. Ela também me contou que pretendia criar um diário quando tinha a minha idade, mas que não escreveu mais de uma folha, então que eu deveria escrever um diário eu mesma. Papai foi demitido da escola onde ele trabalhava, e faz alguns dias que ele conseguiu um emprego na biblioteca pública da cidade. Mamãe pediu para que eu passasse as tardes do resto das minhas





férias de inverno lá, no começo eu achei que seria chato, mas talvez não seja tão ruim, eu posso ler toda a tarde e continuar a escrever meu diário. Eu espero que eu me divirta.

Essa página foi escrita antes da última que Marlene encontrou. Pela narração era provavelmente a primeira desse diário. Algo deve ter acontecido com essa garota para esses espíritos estarem aparecendo, talvez alguém estivesse tentando lhe contar uma história.

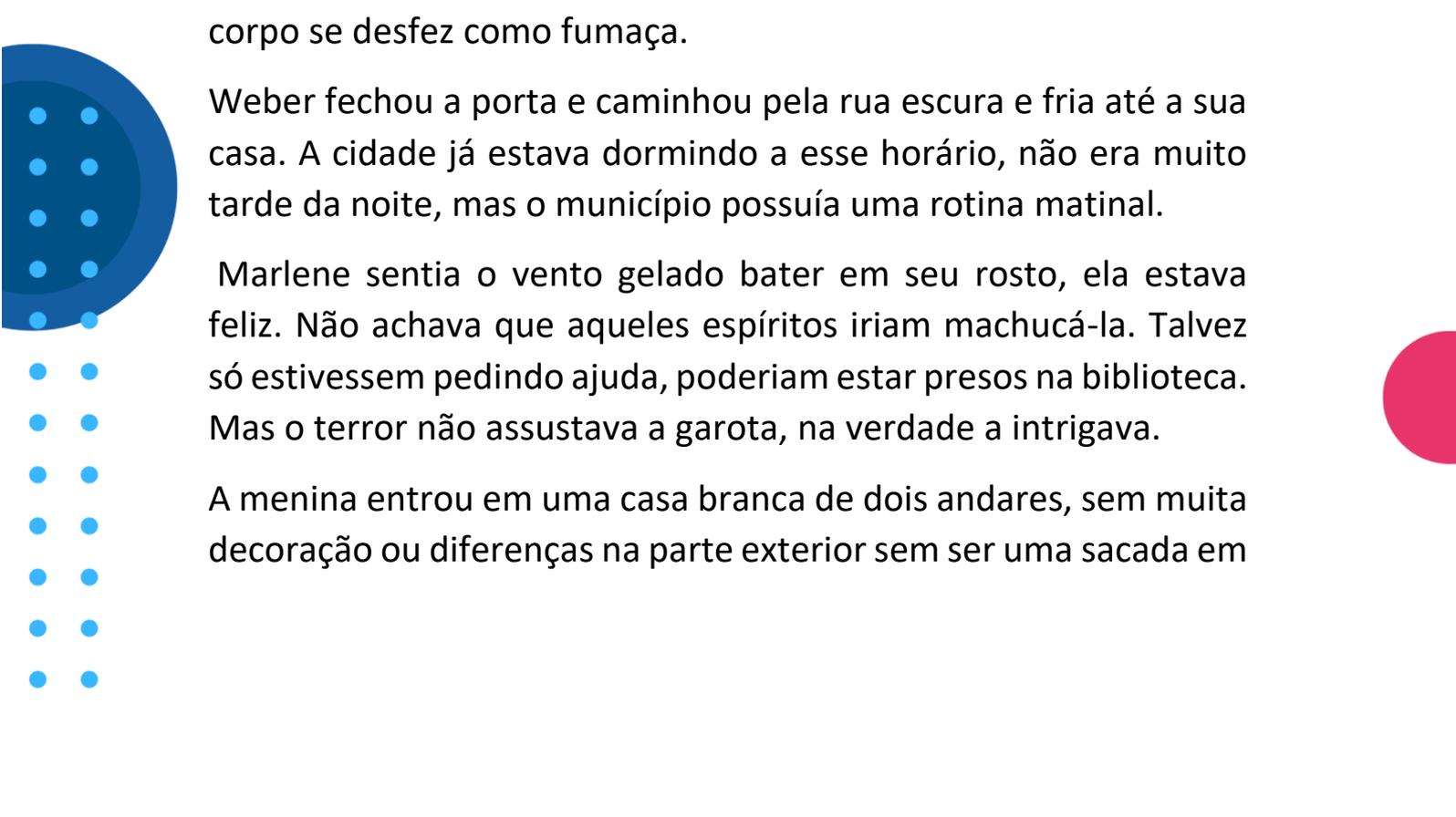
Weber leu o novo conto e se deparou com a frase misteriosa novamente. O horário de seu expediente havia chegado ao fim, Marlene pegou todas as suas coisas e chamou Alecrim para que eles saíssem. Mas, quando estava passando por sua mesa em direção a porta, ela viu um homem sentado em sua bancada. Ele possuía pele parda e cabelos pretos cacheados, sua feição era por algum motivo triste, encarrava a mesa, e em seu crachá estava escrito, *Tadeu Duarte*.

- Senhor? – perguntou Marlene, mas ele não respondeu, e seu corpo se desfez como fumaça.

Weber fechou a porta e caminhou pela rua escura e fria até a sua casa. A cidade já estava dormindo a esse horário, não era muito tarde da noite, mas o município possuía uma rotina matinal.

Marlene sentia o vento gelado bater em seu rosto, ela estava feliz. Não achava que aqueles espíritos iriam machucá-la. Talvez só estivessem pedindo ajuda, poderiam estar presos na biblioteca. Mas o terror não assustava a garota, na verdade a intrigava.

A menina entrou em uma casa branca de dois andares, sem muita decoração ou diferenças na parte exterior sem ser uma sacada em





um dos quartos de cima. Novamente, as luzes estavam todas apagadas.

Ela e Alecrim subiram as escadas exaustos, a garota não ligou as luzes, pois não queria ter o trabalho de apagá-las depois.

Marlene colocou seu pijama e deitou na cama junto de seu cachorro. Ela jogou suas anotações e as páginas no colchão. A menina releu tudo o que encontrou, até o momento parecia ser apenas uma garota que queria escrever um diário, e um pai que gostava de brincar de escritor. Mas, Marlene viu o olhar de tristeza no rosto daquele homem, ele sabia de algo. Havia alguma coisa errada com aquela biblioteca.

As visões e páginas que encontrava não pareciam ser apresentadas em ordem, então ela teria que anotar tudo que encontrasse e fazer uma linha cronológica depois. Marlene pegou seu bloco de notas e fez uma última atualização antes de dormir.

Segredo da biblioteca.

Adendo: tem um espírito nela/ uma manifestação do passado.

Diário da Menina Fantasma.

Um autor desconhecido escrevendo contos/ bibliotecário.

Tadeu triste por algum motivo.

Weber acordou, um pouco mais tarde do que o costume e se arrumou para o trabalho, ela passou por seus pais que estavam comendo juntos na mesa da cozinha.

A garota não ficou ali muito tempo, geralmente reservava um tempo para tomar café com sua família, pois só a via no período da manhã, mas estava curiosa demais com as aparições da criança para esperar mais.

Ela colocou alguns biscoitos de cachorro e quatro sanduíches na bolsa, saiu correndo para o trabalho. Novamente, ainda era noite,





o sol no inverno nascia pelas sete e meia da manhã então demoraria um pouco para ficar claro.

Marlene abriu a biblioteca com pressa, levantou as janelas, varreu o piso, fez tudo que fazia normalmente esperando que a criança loira aparecesse.

Dessa vez, ela escutou uma conversa distante vinda de sua própria bancada. Quando Weber se virou em direção ao barulho, viu Tadeu sentado em frente à mesa com um copo de água nas mãos.

- Se eu fizer isso, me promete que vai realizar meu desejo? – Duarte perguntou ao copo, parecendo preocupado. E surpreendentemente, ele respondeu.

-S e seguir todas as minhas dicas vai ter o que deseja, o que seria mais impressionante do que fazer suas palavras virarem realidade? - Uma voz grave e inconsistente saiu do copo, como uma mistura de várias vozes.

- Minha esposa me disse que você iria me ajudar, por isso ela me pediu para trabalhar aqui.

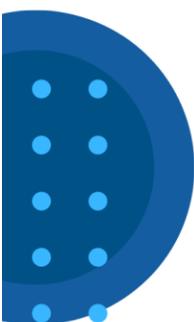
- E ela tem razão. Eu e você temos objetivos parecidos, ambos queremos tornar nossos sonhos realidade, me ajude e eu vou te ajudar.

- E quanto à minha filha, o que você quer dela? –Tadeu perguntou, dessa vez com um pouco mais de agressividade.

- Isso foi ideia de sua esposa, a mente dela é criativa, em algum momento ela seguirá o mesmo caminho que vocês dois, mas ela não precisa saber da minha existência ainda.

- Nada de ruim vai acontecer com ela, certo?

-Eu amo a sua família, Tadeu, você e principalmente Alice, vão ficar bem.





Tadeu soltou um longo suspiro e olhou para o teto com um olhar desesperançoso.

- Esse é o título do próximo conto que eu quero que você escreva-
A voz do copo disse mais uma vez- A garota que carregava uma foice - Foi a última fala antes de toda a visão se desfazer em fumaça.

Marlene puxou seu bloco de anotações do bolso do casaco e escreveu mais uma linha.

Segredo da biblioteca.

Adendo: tem um espírito nela/ uma manifestação do passado.

Diário da Menina Fantasma.

Um autor desconhecido escrevendo contos/ bibliotecário.

Tadeu triste por algum motivo.

Tadeu está escrevendo para alguém.

- Quem você acha que era aquela voz estranha, amigo? –Weber perguntou a Alecrim que apenas a encarou com a feição mais assustada que um cachorro conseguia fazer.

Marlene se perguntou o que Tadeu ganharia em troca desse acordo, por que aquela voz precisava que ele escrevesse livros, e principalmente o que a garotinha tinha a ver com tudo aquilo.

A menina não perdeu tempo e correu até a sessão mais antiga dos livros novamente. Ela revisou toda a prateleira de terror, mas não encontrou nada.

Marlene resolveu procurar na estante dos livros de história, e depois de mais ou menos meia hora, ela encontrou o que procurava. O livro estava empoeirado e com as bordas rasgadas, mas ainda era possível ver um título escrito a mão: *A garota que carregava uma foice*. A menina abriu o pequeno caderno e retirou

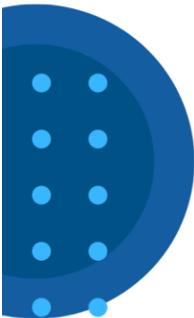




uma fina página de diário de dentro. E a data que havia em sua contracapa era 22/07/2009.

25/02/2009

Querido diário, eu não escrevi nos últimos dias, pois minha mãe me mandou aproveitar que eu estava em uma biblioteca e ler. Então estive ocupada. Mas, mamãe está muito feliz, pois o papai escreveu algumas histórias. Aparentemente ele já escrevia elas há alguns dias, mas eu não sei por que ele não me mostrou. Papai fez uma capa provisória e tudo. Eu acho que vou pegar os livros dele e esconder na biblioteca junto das minhas páginas do diário, talvez um dia alguém encontre. Ele tem quatro até agora, exatamente o número de páginas que eu tenho, mas eu acho que ele ainda vai escrever mais livros, então eu vou continuar escrevendo também.



Marlene ficou intrigada com o que leu. Por que Tadeu tentou esconder os contos de sua filha? Talvez porque eles fossem de terror, mas não fazia sentido, pois ele mostrou para ela depois. E a garota mencionou que havia escrito quatro páginas até o dia vinte e cinco, então faltava uma para Weber encontrar.

Marlene caminhou pelos corredores repletos de livros lendo o último conto que encontrou. Todos eles pareciam ter um padrão, e as datas em que eles eram escritos eram muito próximas, ninguém conseguiria escrever tantas páginas em tão pouco





tempo, mas Tadeu provavelmente teve a ajuda daquela voz misteriosa.

Marlene viu que duas pessoas entraram na biblioteca, pareciam ser estudantes. Eles usavam um uniforme vermelho e pareciam estar cansados.

A dupla acenou para Weber e se sentou em uma mesa entre as sessões de religião e distopia. Um pouco afastado de onde ficava a parte antiga da biblioteca.

Quando a garota terminou de ler o conto em suas mãos, ela escutou uma voz familiar vinda da mesa onde a criança loira passava suas tardes.

- O que você está escrevendo aí, querida? –Aquele era Tadeu falando.

Marlene correu até o lugar de onde a conversa vinha. Ela passou pelos estudantes pelo seu caminho. Eles pareciam não escutar os fantasmas. Apenas a garota os escutava. Alecrim rosnou para Tadeu quando os dois chegaram na mesa. O homem estava apoiado em uma cadeira de frente para sua filha.

- O meu diário – A garotinha respondeu, mostrando o caderno laranja em suas mãos.

- Você gosta de escrever, filha?

- Eu gosto, é bem divertido.

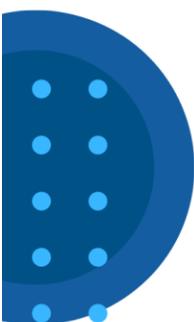
- O papai também gosta de escrever.

- Sério?

- É sério, meu sonho sempre foi ser um escritor.

- Foi por isso que você resolveu trabalhar em uma biblioteca?

- Na verdade, isso foi ideia da sua mãe, ela me disse que isso poderia me ajudar.





- Se você quer ser um escritor, pai, então porque você não publica um livro?

- Não é tão fácil quanto parece, querida. Nós moramos em uma cidade muito pequena, mesmo se eu tentasse, isso não daria certo. Não assim pelo menos.

- Então você nunca vai realizar seu sonho?

Tadeu deu um longo suspiro, e por alguma razão ele olhou para a janela de vidraça como se estivesse olhando para alguém.

- Se o que eu planejo der certo, querida, eu vou.

As duas figuras se desfizeram no ar como pó. Marlene puxou seu bloco de anotações e o atualizou.

Segredo da biblioteca.

Adendo: tem um espírito nela/ uma manifestação do passado.

Diário da Menina Fantasma.

Um autor desconhecido escrevendo contos/ bibliotecário.

Tadeu triste por algum motivo.

Tadeu está escrevendo para alguém.

Tadeu sonha em ser um escritor (tem algo muito errado com esse cara.)

Ela não entendia por que o homem precisa da ajuda da voz para se tornar um escritor. Aparentemente, esse era o plano dele, mas não parecia ser algo que se precisasse da ajuda de alguma assombração. A coisa havia dito a Tadeu que seus objetivos eram os mesmos. O que a voz iria querer com livros?

- Algo me diz que essa história não acabou bem, amigo - Marlene disse a Alecrim que se escondeu no meio de suas pernas.



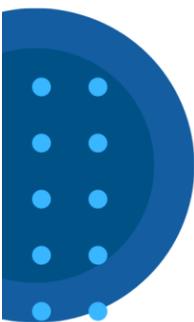
Marlene não perdeu tempo e voltou a vasculhar as prateleiras, talvez o restante das páginas do diário lhe mostrasse o que aconteceu no passado.

Weber tinha a sensação de que a biblioteca queria que ela desvendasse esse mistério. As visões e páginas apareciam logo para a menina, uma amante de casos criminais e que adorava investigar.

Então ela e Alecrim caminharam novamente até a sessão antiga, e resolveram procurar na estante de romance. De todas essa era a mais empoeirada, aquela parte não era muito limpa, pois poucas pessoas retiram seus livros de lá. Por isso, Marlene demorou cerca de uma hora até encontrar um dos contos que procurava. Esse era um pouco maior, e a data era 20/07/2009. Na capa de papelão havia escrito o título *O aviso dos quadros*, de caneta amarela. E entre as páginas, a garota retirou outra página do diário.

21/07/2009

Querido diário, eu vi uma coisa muito estranha, papai estava falando com um copo de água. Talvez ele tenha um amigo imaginário. Depois o pai veio conversar comigo e me disse que seu sonho era ser um escritor. Achei que ele tinha ficado chateado quando foi demitido da escola onde dava aula. Mas ele parecia feliz aqui no início. Mas agora papai está estranho, falando com o copo e ele parece preocupado. Eu espero que ele consiga alcançar o seu sonho.





-Ótimo, essa página não me revelou nada - disse Marlene colocando a folha em sua bolsa junto das outras evidências.

A noite havia chegado e, apesar de querer continuar investigando, a garota precisava voltar para casa. Então ela pegou suas coisas e revisou a biblioteca para ter certeza de que não havia ninguém lá dentro.

Os dois estudantes já haviam saído enquanto a menina procurava pela página. Então realmente o local estava vazio.

Marlene caminhou para casa com a cabeça presa no caso de Tadeu. Ela se sentia atraída por esse mistério, mais do que deveria estar.

Alecrim se esfregava em sua mão tentando pedir carinho, mas Weber estava presa demais em suas teorias para dar atenção ao cachorro. Marlene entrou em casa e sentiu uma onda de solidão. Ela nunca havia se sentido sozinha mesmo dormindo sem ninguém por boa parte das noites, mas, desta vez, sentiu a falta de seus pais.

A garota tomou um banho quente e se deitou. Ela revisou os contos e páginas que havia encontrado, tentando achar alguma informação importante que poderia ter passado despercebida, mas estava cansada demais para prestar atenção nas palavras escritas por muito tempo.

Marlene tentou fechar os olhos e dormir, porém, sua ansiedade de descobrir tudo o que estava acontecendo também não a deixava descansar.

A garota se levantou e foi até o banheiro, passou água gelada em seu rosto tentando permanecer acordada. Ela observou seu rosto no espelho, vendo as sardas espalhadas ao redor de seu nariz e as leves olheiras que possuía.





Em dado momento ela também olhou para sua mão, havia um fino anel de ouro em seu indicador. Marlene nunca tirava aquele anel, ele foi um presente de seu pai, o homem lhe pediu para nunca tirar, e ela cumpriu a promessa.

Mas, Weber não se lembrava muito daquele dia, lembra-se da visão de sua pequena mão segurando o anel e da frase em que ele disse, mas sem muito mais detalhes.

Depois de alguns minutos ela voltou para a cama, tentou continuar a ler os papéis, mas acabou dormindo em cima das folhas com a luz ligada.

Na manhã seguinte, ela continuou com sua rotina se arrumou e desceu as escadas para tomar café com seus pais. Marlene se sentou na mesa e comeu dois ovos fritos o mais rápido que pôde, levantou-se com sua bolsa em mãos e mandou Alecrim se levantar para que eles pudessem ir.

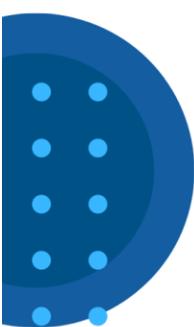
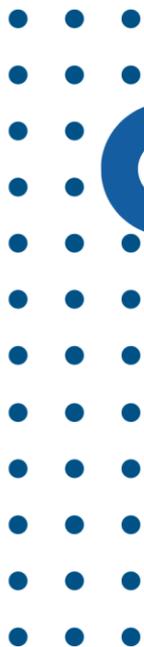
- Onde está indo com tanta pressa? –Camila perguntou vendo a filha sair correndo.

- Para o trabalho.

- Ainda faltam quarenta minutos para o seu horário. Por que não fica mais um pouco com a gente? –Marlene viu sua mãe e seu pai lado a lado, comendo o café da manhã sentados na mesa da cozinha como eles sempre fazem. Mas, por algum motivo, a garota sentiu como se aquela fosse a última vez.

- Desculpa, mãe, eu quero chegar um pouco adiantada hoje. - A menina disse, saindo de casa, ignorando todos os seus pressentimentos.

Marlene chegou na biblioteca e destrancou a porta, colocou suas coisas em cima da bancada e caminhou até a parte antiga. Ela pretendia começar o dia procurando por mais um dos livros de Tadeu. Mas, quando estava passando pela mesa onde a criança





costumava ficar, ela a viu sentada escrevendo em seu caderno laranja.

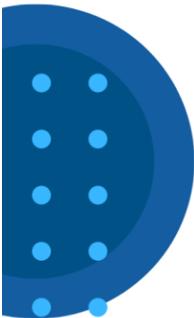
Depois de alguns segundos, a menina arrancou a página, e tirou um caderno feito à mão da mochila. A menina colocou a folha dentro do livro improvisado e saiu correndo até a parte antiga da biblioteca. E como se a cena de dois dias atrás se repetisse, Marlene viu a garota colocar o caderno entre dois livros da prateleira de ficção.

- Pelo menos uma vez esta biblioteca facilita a minha vida.

Weber foi até a estante e pegou o livro empoeirado. Na capa havia escrito o título *Interferência*, e na contracapa havia a data do dia 01/07/2009. Quando Marlene abriu o pequeno caderno, outra página caiu dele.

04/08/2009

Querido diário, papai escreveu um monte de livros e mamãe está feliz com isso. Ela me disse para ser como ele, e eu quero. Talvez um dia eu e o meu pai pudéssemos escrever um livro juntos. Isso seria um sonho. Eu sinto que escrevendo eu consigo criar coisas apenas com a imaginação, seria tão incrível se tudo isso fosse real, se um dia minhas palavras conseguissem sair do papel. O último livro que o meu pai escreveu é muito bom, eu escondi uma das páginas do meu diário dele, na estante de biologia.





Marlene ficou impressionada com o que leu, sentiu por alguma razão que aquela página era importante. A garota pegou seu bloco de notas e escreveu as novas informações que descobriu.

Segredo da biblioteca.

Adendo: tem um espírito nela/ uma manifestação do passado.

Diário da Menina Fantasma.

Um autor desconhecido escrevendo contos/ bibliotecário.

Tadeu triste por algum motivo.

Tadeu está escrevendo para alguém.

Tadeu sonha em ser um escritor (tem algo muito errado com esse cara.)

A garota queria ser uma escritora também.

Pelo menos dessa vez ela possuía uma dica de onde a próxima página estaria. Marlene caminhou até a sessão de biologia, e começou a revisar os espaços entre os livros. Não muito tempo depois, a garota encontrou mais um dos livros de Tadeu, dessa vez, um mais espesso com a frase *Passos fantasmas*, escrito bem grande na capa de papelão rasgada. Na última folha havia escrito a data. 25/07/2009. Entre as páginas cinco e seis, havia a folha do diário da garota.

27/07/2009

Querido diário, estou preocupada com o meu pai, mais uma vez eu o vi falar sozinho, e o estranho é que ele me mencionou na conversa. Ele falou com a janela, e disse que eu poderia assumir o lugar dele se sua criatividade não fosse o suficiente. Me pergunto o que ele quis





dizer com aquilo. Mas, pelo menos meu pai está escrevendo e um dia poderá realizar seu sonho.

Marlene mal terminou de ler a página quando escutou a voz de Tadeu gritar tão alto que toda a biblioteca poderia escutar. Alecrim latiu e correu em direção ao barulho. A garota fez o mesmo.

- Eu sabia que você estava me usando! – Duarte gritou para uma das janelas coloridas da biblioteca.

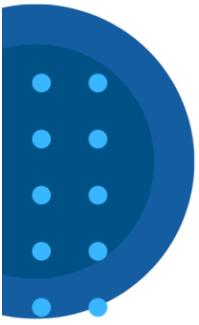
- Eu nunca te usei, você sempre soube das minhas intenções. Isso foi um acordo, eu te ajudava a escrever e a se tornar um escritor, e você me entregava os contos para que eu pudesse torná-los realidade. Esse sempre foi o acordo. - A mesma voz sinistra de antes diz.

- Por que você quer fazer isso, para que tornar todas essas aberrações reais?

- Quais aberrações, as que você criou?

- Tudo isso foi feito para permanecer em papel *Manipulador de memórias*.

“Manipulador de memórias, que nome esquisito” - pensou Marlene.



-Essa é a vontade delas, Tadeu, fazer com que tudo isso seja real. Elas me criaram apenas pela imaginação de uma criança. Imagine o que elas conseguiriam fazer com tudo que você escreveu, se continuar assim, a missão delas estará cumprida, tudo poderá ser equilibrado.

- Eu não sou criativo o suficiente, não é? – Tadeu perguntou, olhando para a vidraça com ódio em seus olhos.

- A mente de uma criança sempre será mais forte, Tadeu.





- Então é isso que você pretendia? Fazer ela assumir o meu lugar se a minha criatividade não for o suficiente?

- Na verdade isso foi ideia da sua esposa.

- Eu não acredito que eu fui usado por vocês dois, eu não vou deixar a minha filha chegar perto de você. Não vou nem deixar que ela se lembre dessa biblioteca.

A imagem se desfez em fumaça, mas não completamente desta vez, parecia que um leve e úmido nevoeiro se estabeleceu na biblioteca fazendo com que o ambiente ficasse mais escuro. Marlene sentiu um arrepio na espinha. Alecrim choramingou ao sentir a aura sombria do lugar.

-Não se preocupe, amigo, é só um pouco de névoa.

Weber caminhou até uma mesa, a que a criança costumava ficar, e depois despejou todas as folhas do diário, os contos, seu bloco de anotações, tudo que havia descoberto.

Ela organizou tudo por ordem cronológica, mas ainda faltava um final para aquilo tudo. O que aconteceu com Tadeu?

Apesar da memória de Marlene ser ruim, ela se lembrou de um detalhe importante que havia se esquecido. A mulher enforcada que havia visto no espelho, ela era loira, igual à criança que frequentava a biblioteca. Perguntou-se se elas não eram a mesma pessoa. Mas uma pergunta ainda ecoava em sua cabeça. Quem são elas?

Marlene virou para o lado e viu algo escondido nas sombras, uma silhueta preta com os olhos brancos, parada ao lado de uma estante. Ela parecia convidar a garota para se aproximar, mas pela primeira vez, Marlene sentiu medo do que via.

A menina permaneceu parada e a sombra se desfez. Weber sentiu seu coração bater mais rápido, mas antes que tivesse tempo para



pensar em algo, ela escutou uma voz familiar, a voz de Tadeu, chamando por um nome.

- Alice...Alice... - A voz dizia fraca, com o que parecia ser suas últimas forças.

Marlene caminhou em direção ao barulho que parecia vir da parte antiga da biblioteca.

Alecrim a acompanhou choramingando e com o rabo entre as pernas.

A névoa ficava mais forte e o ambiente e o ambiente escuro. Ao seu redor a garota sentia que estava sendo observada, mas não teve coragem de olhar para trás. Quando Marlene chegou nas prateleiras de ficção, ela viu um ser estranho pendurado no teto. Seu corpo era humano, porém acinzentado e decrepito, contendo vários braços como uma aranha.

Seu rosto, era o rosto de Tadeu, e toda sua pele era enrugada e velha. Mas aquela coisa não era assustadora para Marlene, mas magnífica.

- Desculpe-me, eu me confundi. Você não é Alice, ela se foi há muito tempo - a criatura esquisita disse, contendo mágoa em sua voz.

- Quem é você?

- Sou o manipulador de memórias. Você estava concluindo o diário não estava? Talvez precise disso, Marlene - a criatura lhe entrega um livro que estava em uma de suas mãos.

- Como sabe o meu nome?

- Eu te conheço há muito tempo, você só não se lembra de mim?

Marlene segura o livro em suas mãos, era mais um escrito por Tadeu. Dessa vez com o título *As cinco flores de sangue*. E como de costume, Weber encontrou outra página do diário dentro.



10/08/2009

Querido diário, eu acho que algo aconteceu com o papai, ele está estranho, tem briga com a mamãe, e também me disse para parar de escrever e que o nosso sonho de nos tornarmos escritores nunca iria se tornar realidade. Eu chorei quando ele disse isso. As coisas estão estranhas, eu não sei o que vai acontecer. Eu estou com medo.

Marlene olhou novamente para a criatura em sua frente, ela estava chegando perto da resposta.

- Foi você? Quem me mostrou tudo isso?

- Sim.

- O que aconteceu, com a filha do Tadeu?

- Você não se lembra mesmo, não é? Parece que o plano de Duarte deu realmente certo.

Weber sentiu um arrepio correr por sua espinha, assimilando a frase com as palavras ditas pelo homem citado.

- O que você quer dizer com isso?

- Marlene, você é a filha de Tadeu.

A garota ficou paralisada por alguns segundos, sentia seu mundo desmoronar.

- Não, meu pai se chama Diego, não tem como eu ser ela, não tem como.

O manipulador soltou uma risada fraca e colocou dois pares de mãos no rosto dela.



- Seu pai surtou e resolveu romper com o nosso acordo. Então ele colocou esse anel em seu dedo para que você se esquecesse desse lugar.

Marlene sentiu como se uma grande incógnita de sua cabeça tivesse sido resolvida, por isso ela se lembrava tão pouco de sua infância, por isso sua memória era tão ruim, por isso que o dia em que seu pai lhe entregou esse anel é tão confuso. Diego nunca lhe deu isso, mas Tadeu.

- Quem é Alice, a mulher com quem você me confundiu?

- Ela era a esposa de Tadeu, sua mãe.

A menina olhou para baixo com finas lágrimas escorrendo por seu rosto, talvez ter descoberto esse mistério não tenha sido tão bom assim.

- Eu posso te contar uma história, Marlene? – A criatura disse, saindo de sua teia do teto e se sentando no chão.

- Pode.

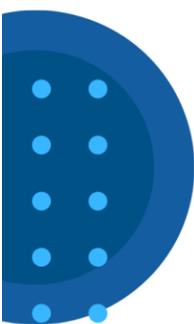
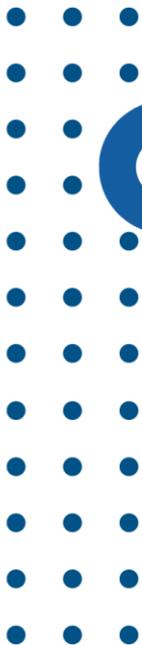
- Então, sente-se.

A garota se sentou de perna de índio no chão, em frente ao manipulador.

- Eu era o amigo imaginário de sua mãe quando ela era criança, eu não existia além da imaginação dela. Mas, um dia, quando visitava esta biblioteca, Alice encontrou as Trevas.

Elas conversaram com ela, e me tornaram real, apenas pela criatividade forte de uma criança. Mas eu não possuía um corpo, eu me comunicava apenas por reflexos.

Sua mãe foi crescendo, e ela foi ficando menos criativa. Depois de alguns anos ela me esqueceu aqui. Mas, quando Tadeu foi demitido, Alice viu uma oportunidade, ela pediu que ele trabalhasse aqui, e eu consegui falar com ele.





Propus para que ele escrevesse o que eu pedir, e eu tornaria seu sonho de criança realidade.

Duarte escrevia bem, mas faltava inspiração para ele, mas nessa parte eu o ajudei. Mas, os livros que ele escrevia não eram o suficiente para me tornar algo físico, me fez mais forte, mas não o que eu precisava.

Foi aí que Alice queria que você me conhecesse, uma criança, era disso que eu precisava para me tornar real e cumprir as vontades das Trevas, fazer com que o sobrenatural se tornasse real.

Seu pai surtou, teve um choque de realidade, retirou um dos anéis das minhas mãos. Todos eles são amaldiçoados com algum feitiço, o que ele pegou havia uma maldição de esquecimento. Ele te entregou e largou você em um orfanato. Duarte também pretendia queimar seus livros, mas ele não conseguiu, porque você os roubou e escondeu.

Quando Alice descobriu isso, ela se sentiu traída pelo marido e se suicidou. Minha criança tirou sua própria vida - o manipulador olhou para cima, parecendo genuinamente triste - Depois disso Tadeu veio à biblioteca mais uma vez, eu não sei o que ele queria, mas eu o matei por fazer minha pequena Alice morrer, e eu tomei o corpo dele como o meu.

Marlene olhava assustada para o manipulador, só uma coisa passava por sua cabeça.

- Você matou o meu pai?

- Foi necessário, ele fez minha Alice, a sua mãe, morrer. Você entende isso, não estende? - A criatura disse acariciando o rosto de Marlene com uma de suas seis mãos.

- Entendo.





- Bem, então agora você pode finalmente me ajudar. Eu posso tornar seu sonho real, o seu e o de seu pai, posso fazer com que os dois sejam escritores.

- Quem são elas?

- As Trevas, são seres que querem manter a harmonia, mas para isso, o caos precisa existir. Elas me criaram e podem criar muito mais se você me ajudar.

- O que eu preciso fazer?

- Junte todos os contos de pai, pegue as páginas de seu diário também. Junte tudo e traga para mim. - O manipulador segurou na mão da menina e encostou no seu anel, fazendo um movimento como se fosse tirá-lo. - Eu vou entregar isso às Trevas, e elas farão com que tudo o que sonhamos seja real.

Marlene olhou para o anel em sua mão, e depois olhou para o rosto decrépito de seu pai a sua frente, estava prestes a realizar um sonho que ela nem sabia que tinha.

- Eu aceito.

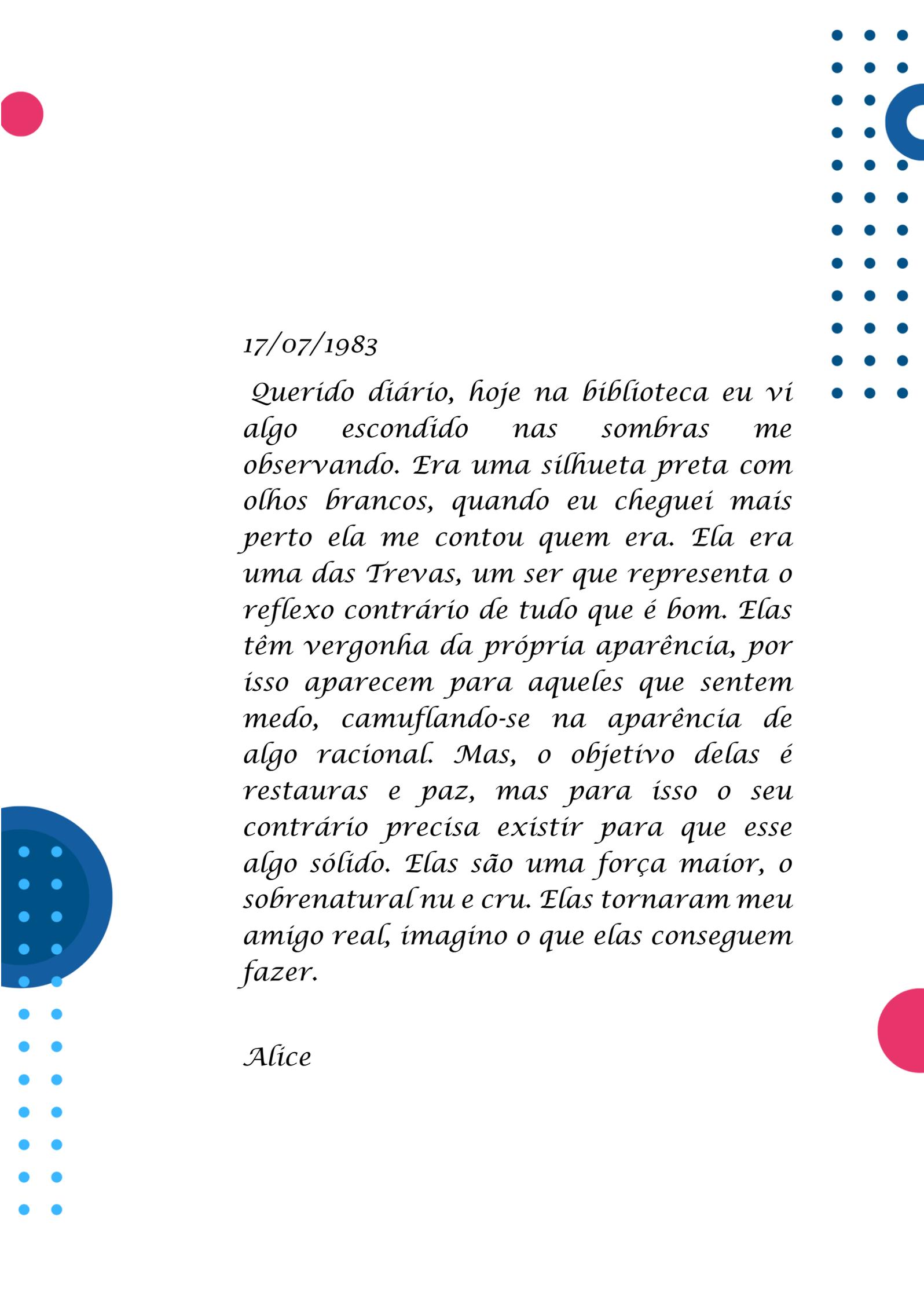
O manipulador puxou o anel, e Marlene se lembrou de tudo, dos abraços de Tadeu, das conversas com Alice. Era triste se lembrar deles sabendo que os dois já estavam mortos.

Também se lembrou do orfanato. De tudo o que viveu no passado, e também se lembrou de escrever o diário.

Marlene foi até a mesa onde deixou os livros, ela juntou tudo em uma coisa só, intercalando entre as páginas e os contos.

Weber pegou o grande caderno na mão, caminhou até o Manipulador de memórias e lhe entregou o livro.

- Agora, seu sonho pode virar realidade, Marlene- A criatura disse, recebendo o caderno em seus braços.



17/07/1983

Querido diário, hoje na biblioteca eu vi algo escondido nas sombras me observando. Era uma silhueta preta com olhos brancos, quando eu cheguei mais perto ela me contou quem era. Ela era uma das Trevas, um ser que representa o reflexo contrário de tudo que é bom. Elas têm vergonha da própria aparência, por isso aparecem para aqueles que sentem medo, camuflando-se na aparência de algo racional. Mas, o objetivo delas é restaurar a paz, mas para isso o seu contrário precisa existir para que esse algo sólido. Elas são uma força maior, o sobrenatural nu e cru. Elas tornaram meu amigo real, imagino o que elas conseguem fazer.

Alice



Agradecimentos

Agradeço a Deus, que iluminou a minha mente e me trouxe a este livro.

Aos meus pais, Denise e Neco Altermann, que sempre me incentivaram a ler, colocaram-me em cursos e aulas para que eu aprendesse o que tanto desejava. Obrigada aos dois por me apoiarem.

Ao meu querido e parceiro irmão, João Antônio Altermann, que mesmo a distância, foi incentivador, dando-me ideias.

A minha dinda Patrícia, que me presenteou com um pequeno caderno, em que escrevi algumas das histórias deste livro.

A Valentina Gindri, que com seu curso de escrita criativa me guiou neste caminho.

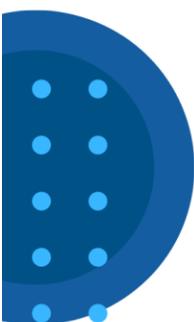
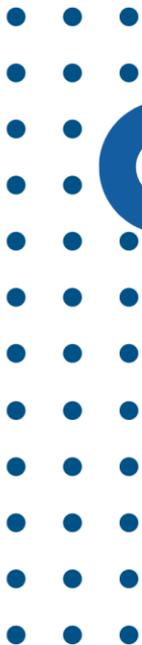
A minha professora de inglês, Cristina Bó, que desde criança corrige textos meus, mesmo eles sendo em inglês.

Agradeço principalmente a minha escola Marista Santana, que me apresentou professores incríveis, que me ajudaram de jeitos diferentes.

Izabel Antunes, minha querida e amada professora de redação, a pessoa que fez meu sonho de criança se tornar realidade, mesmo que essa seja uma das minhas especialidades, eu não consigo descrever o quanto eu sou grata por essa oportunidade.

Andreia Espadim, minha professora de Português do ensino fundamental, que um dia me disse que quando eu finalmente publicasse um livro, ela se lembraria de mim.

Pedro Duarte, um amante de História que usei como inspiração para criar um dos meus personagens favoritos, Tadeu Duarte.





Eu também gostaria de agradecer a meus colegas e amigos, entre eles um, em especial, Gabriel Tamioso. Sem ele, este livro não seria o que foi. Obrigada por me ouvir tagarelar por horas sobre as minhas ideias e, em certos momentos, até me ajudar com elas. Eu não vou te esquecer. Isso é uma promessa.





COLÉGIO MARISTA
SANT'ANA